



70 ANOS

# CRISTIANISMO PROGRESSISTA

A raiz do  
discipulado

Da gravata  
ao tênis

O mistério do  
trono celestial

UMA REVISTA PARA PASTORES E LÍDERES DE IGREJA

# MINISTÉRIO

MAR-ABR-2024



# O CORTE QUE SALVA



**Milton Andrade**  
editor da revista  
Ministério

De acordo com a mitologia grega, Procusto era um bandido que costumava hospedar viajantes em sua casa, os quais eram convidados a repousar em uma cama de ferro. Se o hóspede fosse muito alto, ele amputava o excesso de comprimento. Se tivesse pequena estatura, Procusto o esticava até atingir o tamanho ideal. Assim, as vítimas nunca se ajustavam exatamente ao tamanho da cama, ainda mais porque, secretamente, o anfitrião mantinha duas camas de tamanhos diferentes. Segundo a lenda, Procusto morreu em seu próprio leito, às mãos do heróico Teseu.

Essa cama injusta nos lembra, de certo modo, a cidade ímpia do vale de Sidim que odiava estrangeiros (Gn 19), submetendo-os às suas camas de iniquidade. Na literatura judaica, a expressão *mittat sedom* (“a cama de Sodoma”) tornou-se lendária e até deu origem a outra expressão. A *Mishná* (*Pirkei Avot* 5:10) faz um trocadilho sutil com essas palavras, utilizando o termo *middat sedom* (“a medida de Sodoma”) para descrever práticas egoístas de pessoas que, em nome do politicamente correto, maltratam seus semelhantes.

Ambos os relatos também podem ilustrar a atitude daqueles que querem, a todo custo, adequar um conhecimento a seu ponto de vista, acomodando-o à sua “cama” de interpretação. O resultado é uma visão parcial, fragmentada e desonesta. Essa questão fica ainda mais séria quando tratamos da verdade revelada nas Escrituras Sagradas. Hoje em dia, muitos “procustos” têm lido a Bíblia de forma tendenciosa, não com marcadores de texto, mas com tesouras e estiletes, na intenção de mutilar porções que consideram desatualizadas, ofensivas ou politicamente incorretas. É estranho perceber que essa prática tem ocorrido, inclusive, no próprio cristianismo.

Há pouco tempo, muitos jovens tinham que defender sua fé nos bancos das universidades seculares. A expressão “Deus não está morto!” tornou-se sua bandeira e até virou enredo de filme. Ultimamente, porém, as novas gerações têm sido desafiadas dentro da própria igreja por meio de pregações, palestras e *lives* de cunho progressista que dilaceram a fé bíblica, deixando-a em retalhos. Parte do cristianismo atual tem se tornado fluido, amorfo, fundamentando-se em ideologias, não na Revelação. Seguindo a lógica pós-moderna, os proponentes do cristianismo progressista

evitam absolutos e criticam toda e qualquer metanarrativa. Por meio de sua “Reforma às avessas”, desconstruem os princípios macrohermenêuticos das Escrituras e entregam uma fé inócua, sem fundamentação bíblica. Poderíamos dizer que se trata de um “cavalo de Troia” entrando na igreja.

Em linhas gerais, o cristianismo progressista promove uma ruptura com a tradição cristã mais ampla. Seus adeptos assumem uma postura crítica e revisionista, cuja agenda é subverter os alicerces mais básicos da fé e da ética cristã: a Trindade, a volta de Jesus, a autoridade e inspiração da Bíblia, a natureza pecaminosa do ser humano, o casamento heterossexual, entre outros. Alisa Childers,

em seu livro *Outro Evangelho?*, afirma que os progressistas são “muito abertos à redefinição, reinterpretção ou mesmo à rejeição das doutrinas essenciais da fé” (p. 29). Não seria essa uma forma de mutilação do texto bíblico?

No artigo de capa desta edição, o doutor Wilson Paroschi refuta os principais pontos defendidos por esse “evangelho diferente”, utilizando a espada do Espírito (Ef 6:17; Hb 4:12). Ela sim, deve reparar, renovar e reconstruir nosso coração enganoso. Somente as Escrituras têm o corte que salva. ■

“  
Parte do  
cristianismo atual  
tem se tornado  
fluido, amorfo,  
fundamentando-se  
em ideologias, não  
na Revelação.”



# 8

Cristianismo progressista

*Wilson Paroschi*



# 20

A raiz do discipulado

*José Wilson*



# 24

Da gravata ao tênis

*Glauber Araújo*



# 16

O sangue do primogênito

*Vinícius Mendes*

# 30

Casamento e lava-pés combinam?

*Wagner Aragão*

# 26

O mistério do trono celestial

*Marcos De Benedicto*



## S U M Á R I O

Editorial	2
Entrelinhas	5
Entrevista	6
Ponto a ponto	33
Dicas de leitura	34
Palavra final	35

## MINISTÉRIO

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 95 – Número 572 – Mar/Abr 2024  
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Milton Andrade  
Editor Associado Glauber Araújo  
Revisora Rose Santos

Editor de Arte Thiago Lobo  
Projeto Gráfico Fernando De Lima  
Capa Svasco | Adobe Stock

Ministério na Internet  
www.ministeriopastoral.com.br  
@revistaministerio  
@revistaministerio  
@MinisterioBRA  
ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial  
Lucas Alves; Josué Espinoza; Adolfo Suarez;  
Marcos Blanco; Walter Steger; Eric Richter;  
Pavel Goia; Jeffrey Brown; Adrián Bentancor;  
Alvaro Cáceres; Claudiney Santos; Edison Choque;  
Edmundo Cevallos; Elieser Vargas; Francisco  
Abdoval; Javier López; José Wilson; Juan Vargas;  
Guilherme Delgado; Levino Oliveira; Luciano  
Salviano; Marcelo Carvalho; Milton Mayo; Ralides  
Nascimento.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia  
Rodovia SP 127 – km 106  
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral Edson Erthal de Medeiros  
Diretor Financeiro Uilson Garcia  
Gerente Editorial Wellington Barbosa

Serviço de Atendimento ao Cliente  
Ligue Grátis: 0800 979 06 06  
Segunda a quinta, das 8h às 20h  
Sexta, das 7h30 às 15h45  
Domingo, das 8h30 às 14h  
Site: www.cpb.com.br  
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 102,00  
Exemplar Avulso: R\$ 20,90

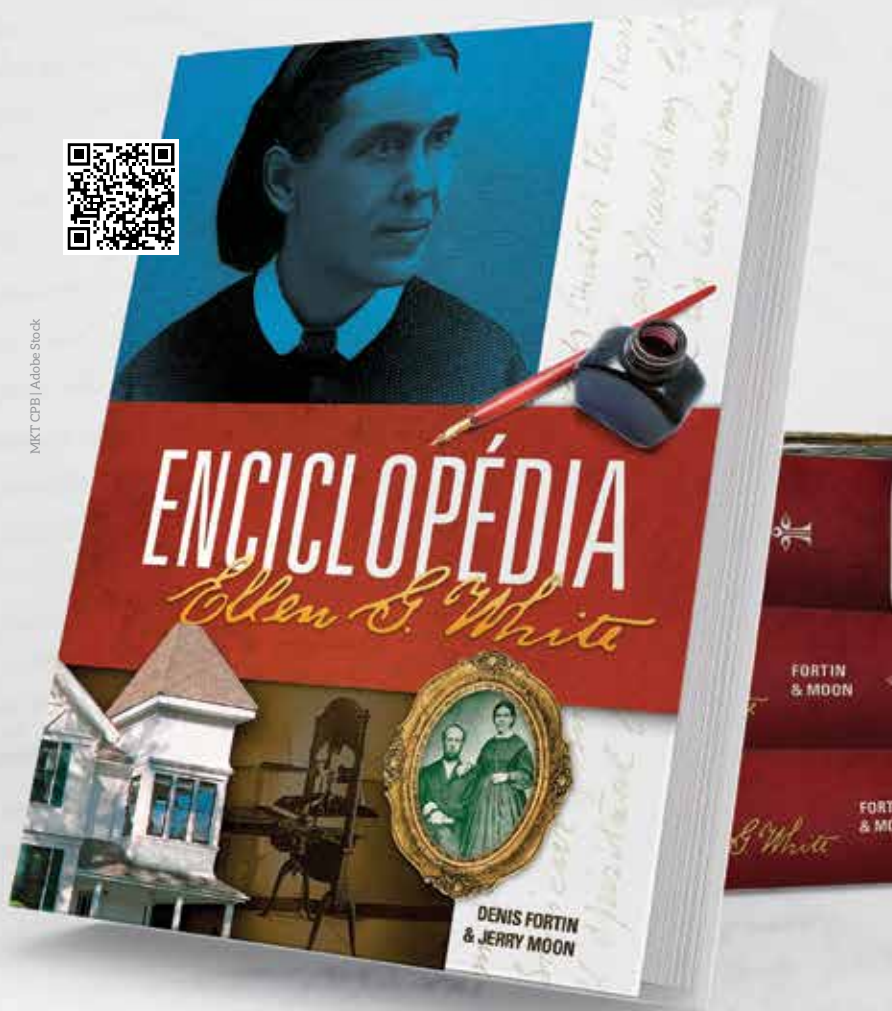
Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, sem prévia autorização por escrito da editora.

5880 / 48254



Aprenda mais sobre o contexto histórico de

# Ellen G. White



**Mais de 1300 verbetes** que descrevem pessoas e eventos na vida de Ellen G. White.

**Aprofunde** seu conhecimento sobre doutrina e teologia, estilo de vida, eventos, lugares e instituições.

**Estude** a cronologia detalhada da vida de Ellen G. White e os artigos relacionados ao seu ministério.

cpb.com.br • 0800-9790606  
CPB livraria • (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910  
atendimento@cpb.com.br



Baixe o Aplicativo CPB



## Escreva para a MINISTÉRIO



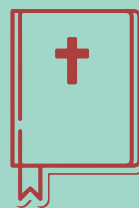
ministerio@cpb.com.br

# Aa

Utilize fonte **Arial**, tamanho **12**, espaço 1,5

<sup>1</sup>Ranko Stefanovic, *Plain Revelation* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2013), p. 46.

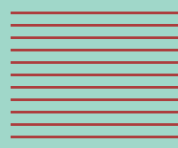
Insira **notas** de fim de texto



Use a versão bíblica **NAA**



**Envie** uma foto pessoal em alta resolução



Escreva textos de **8 mil** até **12 mil** caracteres com espaços

### Temáticas

- Teologia
- Missão
- Pregação
- Espiritualidade
- Saúde
- Administração
- Liturgia
- História da igreja



**Lucas Alves**

secretário ministerial  
para a Igreja Adventista  
na América do Sul

# O EVANGELHO ÀS AVESSAS

**Quando Paulo escreveu sua carta aos Gálatas, entre outras coisas, ele** estava preocupado com a integridade do evangelho. Ao que parece, durante sua ausência, novos ensinamentos foram introduzidos ou aceitos sob a falsa sensação de que faltava algo àquilo que o próprio Paulo havia ensinado. Para Scot McKnight, “o problema subjacente a Gálatas também é bem conhecido, pelo menos em geral, e podemos descrevê-lo em poucas palavras como legalismo judaizante” (*Gálatas – Del Texto Bíblico a una Aplicación Contemporánea*, p. 22). Ao afirmar que os cristãos deveriam ser circuncidados, eles estavam afirmando que Cristo não era suficiente. Segundo John Stott, “é disso que Paulo acusa os gálatas. Eles eram vira-casacas religiosos, desertores espirituais. Estavam abandonando aquele que os chamara para a graça de Cristo e abraçando um outro evangelho” (*A Mensagem de Gálatas*, p. 23).

O progressismo, por sua vez, alimenta o mesmo princípio do abandono do evangelho, fomentando uma espécie de diminuição, invalidação e omissão da Palavra. Cria-se uma espécie de releitura dissimulada, sarcástica e irreverente do evangelho, negando seu poder para restaurar e transformar o ser humano. Travestido de evangelho, não passa de uma tentativa ideológica e humanista, incapaz de fazer pelo ser humano aquilo que somente a cruz pode fazer. Em comparação com os legalistas, que acrescentam algo ao evangelho, os progressistas subtraem.

A grande questão não é o que o progressismo cristão defende, mas se sua defesa é bíblica ou não. Isso significa que citar a Bíblia não é suficiente. Abrir a Bíblia e pregar sermões “cristocêntricos” não nos torna cristãos bíblicos, mas o trato das Escrituras em sua totalidade, utilizando a hermenêutica certa, o método adequado e a aplicação correta, isso é o que nos torna bíblicos. Fora disso, teremos uma Bíblia esculpida à nossa própria imagem. “Já não iremos obedecer a Deus; em vez disso, estaremos seguindo os nossos próprios pensamentos, sentimentos e preferências” (Alisa Childer, *O Outro Evangelho*, p. 166).

Há uma advertência muito séria a respeito de sua responsabilidade em relação às Escrituras, seja você pregador, leitor ou pesquisador. Ellen White escreveu: “Grandes

homens e mulheres, bem como pessoas professamente boas, podem realizar atos terríveis em seu preconceito e posição de exaltação própria, lisonjeando-se por estarem prestando um serviço a Deus. De nada resolve confiar neles. A verdade, a verdade bíblica, é o que vocês e eu queremos a todo custo. Como os nobres bereanos, desejamos esquadrihar as Escrituras diariamente com fervorosa oração, para saber o que é a verdade e depois obedecer-lhe a qualquer custo” (Ellen G. White, *Carta 35b*, 1877).

O evangelho, como afirmou Paulo, é o poder de Deus (Rm 1:8). Qualquer tentativa de diminuir o evangelho também é uma lamentável tentativa de restringir seu poder.

Diante dessa realidade, não podemos nos esquecer de que todos precisamos da graça, não importa a condição na qual nos encontramos. A graça é suficiente para o legalista, pois nela há poder para obedecer; a graça também é suficiente para o progressista, pois nela há poder para gerar transformação. O legalismo sem a graça é um cristianismo estéril, o progressismo sem a graça é um cristianismo contemplativo. Legalistas e progressistas precisam encontrar nas Escrituras o poder do evangelho que é capaz de justificar o pecador, santificá-lo por toda a vida e glorificá-lo no retorno de Cristo. ■

“  
**A grande questão  
não é o que o  
progressismo  
cristão defende,  
mas se sua  
defesa é bíblica  
ou não.**”



# GUIADOS PELA PALAVRA



O tema principal da edição desta revista tem recebido cada vez mais atenção em meios acadêmicos. Artigos e até livros já foram e continuarão sendo publicados sobre o tema do progressismo. Desde os tempos dos discípulos Jesus já falava sobre estar no mundo mas não pertencer ao mundo (Jo 17:15-18).

Nesta entrevista, procuramos saber como essa questão afeta o trabalho do pastor que atua diretamente com o rebanho do Senhor. Para tanto, convidamos o pastor Marcelo Quiñones para um diálogo. Ele é formado em Teologia pela Universidad Adventista del Plata (2004) e fez um MBA em liderança para novas gerações no UNASP, campus Engenheiro Coelho (2019). Atuou como capelão, distrital e departamental. Atualmente é distrital em Buenos Aires. Casado há 25 anos com Glenda Acosta, eles têm dois filhos: Juan Ignacio, de 19 anos, e Clara Agustina, de 15 anos.

## Nos anos de seu ministério, você percebeu alguma mudança no papel que a Bíblia desempenha na vida dos membros?

Na última década, observei uma mudança na forma como algumas pessoas interagem com a Bíblia. Algumas dessas tendências incluem: menos participação em práticas religiosas tradicionais e aumento do foco na espiritualidade pessoal (alguns tendem a buscar a espiritualidade de maneira mais personalizada e menos institucionalizada). Isso pode levar a uma interpretação mais individualista das Escrituras, em alguns casos se afastando das interpretações tradicionais. Com o avanço da tecnologia, muitas pessoas recorrem a recursos digitais para acessar a Bíblia e outros textos religiosos em vez das versões impressas. Isso pode afetar a maneira pela qual a Bíblia é integrada à vida cotidiana. Notei também que a sociedade moderna experimentou um aumento na diversidade de perspectivas e abordagens em relação à religião e espiritualidade, o que pode levar a uma gama mais ampla de interpretações da Bíblia. Diante disso, sinto que seja necessário

reforçarmos junto às novas gerações a importância do texto bíblico em seu sentido original e atemporal.

**Hoje se dá muita importância ao amor e à felicidade individual em detrimento daquilo que é correto. Como tratar essa questão com os jovens?**

Na sociedade atual, observamos uma tendência de as pessoas buscarem a felicidade individual como critério central na tomada de decisões, especialmente no

**“Sinto que seja necessário reforçarmos junto às novas gerações a importância do texto bíblico em seu sentido original e atemporal.”**

que diz respeito à sexualidade e à escolha de parceiros. Essa perspectiva, que prega “faça o que te deixa feliz”, muitas vezes abre as portas para uma ampla variedade de decisões pessoais.

Arrisco-me a especular que muitos tomaram decisões imorais porque viram pessoas próximas infelizes pois haviam escolhido aquilo que é correto. Sinto que, para essas pessoas, o que importa é que a felicidade prevaleça sobre a moralidade. Muitos não percebem que, em Jesus, ambas podem se conjugar perfeitamente.

Como pastor, acredito ser essencial abordar esse tema sob uma perspectiva que integre os princípios bíblicos e a felicidade. Embora a felicidade seja um anseio legítimo, é importante lembrar que nossa bússola moral é orientada pela sabedoria contida na Bíblia. Devemos nos concentrar no ensinamento bíblico, promover o diálogo empático, contextualizar nossos ensinamentos e destacar a importância de um propósito mais elevado para uma felicidade duradoura. Como líderes espirituais, devemos buscar equilibrar a compreensão e o amor com a verdade e a fidelidade aos nossos princípios espirituais. Precisamos orientar os jovens com oração e direcionamento espiritual para que encontrem a felicidade em viver de acordo com os princípios bíblicos.

**Questões de estilo de vida e sexualidade são assuntos delicados. Como você tem lidado com essas questões em suas igrejas?**

Graças às orientações recebidas em várias capacitações e à ajuda divina, tenho conseguido abordar esses temas de forma simples e amigável, enfatizando a importância de permanecermos fiéis aos princípios e sermos compreensivos com a comunidade na qual estamos inseridos. Ou seja, embora vivamos no mundo, devemos demonstrar a diferença de sermos cidadãos do

**“Ao esclarecermos nossa compreensão e posição sobre esses assuntos, devemos nos pautar no que foi revelado pelo Senhor em Sua Palavra.”**

reino dos céus. Em relação à homossexualidade, tive a oportunidade de participar de vários seminários que exploraram a postura que a igreja deve manter diante desses questionamentos. Ao esclarecermos nossa compreensão e posição sobre esses assuntos, devemos nos pautar no que foi revelado pelo Senhor em Sua Palavra. Nosso foco não deve ser discriminatório, mas acolhedor e afetuoso. Pela graça de Deus, como fruto desse trabalho, tive o privilégio de batizar no ano passado um homem que é homossexual. Ele reconhece sua orientação sexual, a qual não está alinhada com a vontade do Senhor, mas busca a redenção de Jesus e anseia pela ajuda divina para se manter puro.

**Nossas igrejas estão recebendo um número cada vez maior de visitas da comunidade LGBT. Qual tem sido a postura dos membros das suas igrejas? Você identifica alguma área na qual podemos crescer nesse aspecto?**

No meu caso específico, em Buenos Aires, nas igrejas em que sou pastor, não notamos um aumento significativo de visitas da comunidade LGBT. No entanto, o que temos percebido é que, entre nossos membros, há aqueles que enfrentam secretamente o desafio de viver em consonância com suas orientações sexuais, as quais não estão alinhadas com o ensinamento da Palavra do Senhor. Em outras palavras, em nossas congregações, há mais irmãos do que sabemos que lutam secretamente com essas questões ou se identificam com a comunidade LGBT. Portanto, é fundamental reconhecer a diversidade de experiências e lutas que os membros dessa comunidade podem enfrentar. Precisamos abordar esses assuntos com sensibilidade e compaixão em reuniões específicas.

**O tema da justiça social é bastante ventilado no mundo evangélico. Alguns no meio adventista já estão promovendo essa pauta também. Você acha que a igreja adventista precisa crescer nesse aspecto?**

Baseado naquilo que tenho visto, creio que a Igreja Adventista deveria desenvolver argumentos que direcionem a atenção das pessoas no que se refere ao tema da justiça social. Dessa forma, poderíamos atender necessidades reais e importantes, evitando distrações do foco na mensagem para estes últimos dias. ■





# CRISTIANISMO PROGRESSISTA

## Uma breve análise

O cristianismo progressista se apresenta como mais legítimo e aceitável que o cristianismo tradicional. Roger Wolsey, pastor progressista, declara que “boa parte dos motivos pelos quais muitos estão deixando a igreja é porque não estão cientes do cristianismo progressista ou das congregações cristãs progressistas. Claro, essa não é a única razão”, diz ele, “mas é trágico que tantas pessoas não estejam cientes de que há uma forma de fé que muitas delas haveriam de apreciar bastante”.<sup>1</sup> Cristãos progressistas apontam para “o envelhecimento e o abandono das igrejas tradicionais” como evidência do “desinteresse e insatisfação com a forma como as igrejas fazem religião”, e insistem que, “sem uma reavaliação dos mitos que organizam a fé cristã, a igreja está fadada a se tornar tão irrelevante quanto muitas igrejas do passado”.<sup>2</sup>

Para eles, o progressismo é a solução, visto que ele se propõe a resgatar a fé daquilo que eles chamam de fundamentalismo cristão, o qual, na opinião deles, consiste em um sistema de fé distorcido (os “mitos” da citação acima) produzido por teólogos ao longo dos séculos. O progressismo pretende resgatar o verdadeiro Jesus e Seus ensinamentos – uma religião prática (e não teórica, baseada em doutrinas), inclusiva (e não “fechada”, “intolerante”) e que atenda às reais necessidades do ser humano (e não o mero “delírio focado em um futuro utópico”). Na verdade, o cristianismo progressista não passa de uma versão pós-moderna do liberalismo religioso dos séculos 18 e 19. Do liberalismo, ele adotou sua rejeição da autoridade das Escrituras, sua visão panteísta de Deus e sua compreensão condescendente do ser humano e do pecado. Do pós-modernismo, ele obteve sua percepção imediatista da realidade e sua inspiração humanística e até marxista da vida e dos problemas que afligem a sociedade.

## Escrituras Sagradas

O liberalismo dos séculos 18 e 19 rompeu com a noção tradicional de inspiração e passou a ver as Escrituras apenas como um documento antigo, escrito e produzido como qualquer outro documento. Controlado por um racionalismo radical, no qual a razão humana foi vista como o único caminho para a verdade, o liberalismo rejeitou a origem divina das Escrituras e, por conseguinte, sua autoridade. Seus relatos passaram a ser interpretados como mitológicos, culturalmente condicionados e reflexos da mentalidade religiosa antiga. Com o cristianismo progressista não é muito diferente. Por mais que alguns de seus proponentes se esforcem em dizer que levam a Bíblia a sério, na verdade eles desprezam a autoridade das Escrituras. Alguns falam em diferentes graus de inspiração presentes na Bíblia, ao passo que outros – a maioria – defendem que, por ser a revelação “final” de Deus, Jesus tem prioridade sobre as



Escrituras como fonte de autoridade para o crente. Cristianismo, dizem eles, significa seguir a Jesus, não a Bíblia.<sup>3</sup>

O argumento tem alguma aparência de verdade, afinal, Jesus é o personagem central e o propósito último das Escrituras (Lc 24:27; Jo 5:39, 46) – Aquele que une ambos os Testamentos e consiste na chave para a compreensão deles (Lc 24:44, 45; Rm 10:4). O embuste do argumento, porém, reside na dicotomia que os progressistas fazem entre Jesus e as Escrituras, como se o primeiro excluísse ou anulasse o segundo. Ou seja, eles usam esse princípio cristológico para rejeitar partes das Escrituras, e, assim, criam uma espécie de “cânon dentro do cânon” que compromete a unidade e a autoridade da Bíblia.<sup>4</sup> Um exemplo é a questão da homossexualidade, claramente reprovada nas Escrituras (Rm 1:26, 27; 1Co 6:9, 10), mas que eles consideram legítima pelo fato de Jesus nunca a haver reprovado.<sup>5</sup> A reafirmação feita por Jesus de que o casamento deve ser entre um homem e uma mulher (Mt 19:4-6; cf. Gn 2:21-24) é irrelevante para eles, o que demonstra a forma tendenciosa com que leem as Escrituras.<sup>6</sup>

O problema, porém, vai além. O princípio cristológico, como eles o articulam, não passa no próprio teste. Se Jesus é a norma, seria de se esperar que Ele afirmasse esse princípio. Mas Jesus jamais sugeriu que, com Sua vinda, as Escrituras haviam perdido sua relevância ou se tornado secundárias. Muito pelo contrário, Jesus sempre reconheceu a autoridade das Escrituras (Mt 5:17-20; Lc 16:29-31). Ele pautou Sua vida e ministério por elas (Mt 4:4-10; 21:12, 13) e criticou tanto os líderes judaicos quanto os próprios discípulos por não crearem em tudo o que Moisés e os profetas disseram (Jo 5:39, 40; Lc 24:25). Mais importante ainda foi Jesus ter recorrido às Escrituras para justificar Suas ações e reivindicações (Mt 12:3-6; Lc 24:27), em vez de usar Sua autoridade para diminuir a autoridade delas. Para Jesus, as Escrituras permanecerão válidas “até que tudo se cumpra” (Mt 5:18).

Sim, Jesus afirmou que Ele é a verdade (Jo 14:6), mas também disse que a Palavra de Deus é a verdade (17:17). Por que, então, jogar um contra o outro como se fossem mutuamente excludentes? A impressão que fica é que a verdade realmente não importa para os progressistas e que o apelo que fazem a Jesus não passa de uma cortina de fumaça para encobrir arbitrariedades interpretativas. Quando nos lembramos de que o único Jesus que temos é o Jesus das Escrituras, fica evidente que toda tentativa de se criar uma descontinuidade entre Jesus e as Escrituras carece de qualquer legitimidade (cf. At 18:28; Rm 1:2-4). Sem as Escrituras, não há Jesus.<sup>7</sup>

## Transcendência divina

Ao rejeitar a inspiração e a autoridade das Escrituras Sagradas, o liberalismo teológico acabou rejeitando a noção bíblica de Deus, substituindo-a por uma de contornos panteístas.<sup>8</sup> Uma das características mais fundamentais do Deus bíblico é Sua transcendência. Ele é o Criador de todas as coisas e, portanto, distinto da criação (Gn 1:1; Jo 1:3; Cl 1:16, 17). Ele reside acima e além de tudo (Dt 4:39; At 7:49), embora possa intervir no mundo no momento e da maneira em que julgar apropriado (Jo 1:14; Gl 4:4). Mas, o Deus bíblico também é imanente. Ele mantém tudo o que existe por Seu infinito poder (Cl 1:17; Hb 1:3). Apesar de habitar a eternidade, Ele também habita com o contrito e abatido de espírito (Is 57:15). O liberalismo, porém, abandonou a noção da transcendência de Deus a ponto de confundir-Lo com a criação. Seus proponentes usam o termo “Deus” para qualquer poder atuante no Universo, quer seja minúsculo (como organismos microscópicos) ou colossal (como as galáxias). Deus deixa de ser uma Pessoa distinta da criação (ou de nós

mesmos) para ser parte dela (ou de nós). Mesmo que essa representação divina não seja consistentemente panteística, ela tem várias afinidades com o antigo panteísmo pagão.<sup>9</sup>

Os progressistas seguem praticamente na mesma direção. Eles preferem o termo panenteísmo para seu conceito sobre Deus, definindo-o como a crença de que Deus está em tudo e tudo está em Deus. Assim como os liberais, eles têm a tendência de ver Deus como operando apenas por meio de processos naturais, em vez de intervenções radicais na natureza (o que chamamos de “milagres”). É como se o mundo fosse, de alguma forma, co-criador com Deus. Logo, eles não veem problema em aceitar a teoria da evolução, que seria, segundo eles, o meio pelo qual Deus realiza Seus propósitos.<sup>10</sup> Se somos o resultado de um processo evolutivo, então não surpreende que tanto liberais quanto progressistas estejam abertos, por exemplo, a tipos de sexualidade contrários à Bíblia. Afinal, se a vida está em constante desenvolvimento, como eles declaram, então a ética humana também está.

O panenteísmo também assume que o próprio Deus experimenta mudanças, contrariando o conceito bíblico da imutabilidade divina (Nm 23:19; MI 3:6; Hb 13:8). Wolsey afirma que “as coisas que fazemos e as decisões que tomamos influenciam as estratégias e as escolhas de Deus ao lidar conosco e com o resto da humanidade”.<sup>11</sup> Nas palavras de John Spong, “temos que nos distanciar deste Deus do teísmo sobrenatural que põe em perigo nossa humanidade e retornar para um Deus que permeia a vida tão profundamente que nossa humanidade se torna o próprio meio pelo qual nós experimentamos a Presença Divina”.<sup>12</sup>

No entanto, o abandono da ideia da transcendência divina tem consequências

gravíssimas. O que está em jogo é a estabilidade física e moral do Universo; ambas dependem da transcendência e da imutabilidade de Deus (1Sm 15:29; Sl 102:12). Pecado só é pecado porque Deus é eternamente santo e imutável. Conquanto Ele possa revelar Sua vontade por etapas (revelação progressiva), a alegação de que Deus muda ou de que está sujeito à volatilidade humana é, no mínimo, querer humanizá-Lo ou torná-Lo uma projeção dos nossos próprios conceitos. “Isso rouba Deus de Sua natureza divina e a religião de seu firme fundamento”,<sup>13</sup> e também anula qualquer possibilidade de a história ser o desenrolar de um plano maior, soberano (cf. At 2:23; Rm 8:28). Compete a nós fazermos as escolhas corretas, não a Deus Se ajustar aos nossos gostos, limitações ou contingências.

### **Pecado e redenção**

Quanto menos a transcendência de Deus é enfatizada, mais positiva é a visão que se tem do ser humano. Ou seja, quando Deus diminui, o homem cresce. Não nos admira que o progressismo e o liberalismo sejam essencialmente humanísticos. O homem é posto no centro e suas supostas virtudes e potenciais são o que determinam sua ética e filosofia de vida. Isso significa que a doutrina bíblica do pecado como algo hereditário e universal é rejeitada. O pecado é concebido como um ato individual e que, geralmente, ocorre no contexto da injustiça social. Adão perde a relevância como aquele em quem todos pecamos e morremos (Rm 5:12; 1Co 15:22) e passa a ser visto mais como alguém que nos legou um péssimo exemplo, como já dizia Pelágio. Na verdade, a história da queda não passa de um relato fictício destinado, quando muito, a ilustrar a verdade de que qualquer pessoa pode acabar cedendo a seus impulsos e vir a pecar.<sup>14</sup>

A consequência inevitável do abandono da doutrina bíblica do pecado é a rejeição de outra doutrina: o sacrifício expiatório de Cristo (substituição penal). Para liberais e progressistas, essa doutrina remete a práticas pagãs de sacrifício infantil, contrárias ao amor de Deus revelado nas Escrituras. Observe, porém, que uma coisa leva à outra: o abandono da transcendência de Deus leva ao abandono da doutrina do pecado, que por sua vez leva ao abandono do conceito de sacrifício substitutivo. Em uma declaração de profundo significado teológico, Ellen White alertou que, “seguidas até à sua conclusão lógica”, teorias panteístas de Deus inevitavelmente “removem a necessidade da expiação e fazem do ser humano seu próprio salvador”.<sup>15</sup>

Alguns progressistas veem com bons olhos a chamada teoria da influência moral, segundo à qual a morte de Jesus não se destinava a expiar o pecado humano, mas tão somente a nos impressionar o coração com o senso do amor divino e, assim, levar-nos ao arrependimento. Ou seja, Jesus morreu por

nós, não em nosso lugar.<sup>16</sup> Outros consideram a morte de Jesus apenas como um exemplo de abnegação e autossacrifício ou ainda como uma tragédia permitida por Deus para trazer paz e restauração sociais.<sup>17</sup> Embora alguns também admitam que Jesus morreu para derrotar as forças do mal,<sup>18</sup> praticamente todos repudiam a noção de sacrifício expiatório. Não há dúvida de que a cruz revela o amor de Deus (Jo 3:16; Rm 5:8), é um exemplo para nós (Fp 2:5-8; 1Pe 2:21) e assinala a vitória de Deus no conflito contra o mal (Hb 2:14, 15; 1Pe 3:18, 19). Mas a Bíblia também é clara ao dizer que Jesus morreu em nosso lugar como expiação pelo nosso pecado (Rm 3:24-26; Is 53:4, 5).<sup>19</sup>

O problema com os progressistas (e liberais) é que, quando muito, eles veem a justiça divina meramente como justiça distributiva (justiça social) e não como justiça retributiva,<sup>20</sup> que para eles é contrária ao amor. É como se Deus, por ser amor, não pudesse condenar. Segundo as Escrituras, porém, justiça é um atributo tão essencial a Deus quanto o amor (Dt 32:4; Sl 9:7). Deus não apenas age em plena conformidade com Seu caráter santo, mas também administra o Universo de acordo com ele. Isso significa que Deus não pode deixar o pecado impune, visto que o pecado é uma violência contra Seu caráter e governo (Dt 7:10; Rm 6:23).<sup>21</sup> Se Jesus é o padrão, como dizem os progressistas, então convém lembrar que Ele mesmo destacou o aspecto retributivo (condenatório) da justiça divina no contexto da impenitência humana (Mt 18:23-35; cf. 3:10-12).

A justiça divina, porém, não é arbitrária ou vingativa como frequentemente acontece com a justiça humana. Justiça sem amor é intolerância; amor sem justiça é condescendência. Se justiça é tão essencial ao caráter divino quanto o amor, então ambos os atributos são inseparáveis. Deus não pode ser só justiça num momento e amor em outro. Sua santidade exige que Ele sempre aja em conformidade com aquilo que Ele é. Nada poderia ser tão surpreendente como o plano idealizado por Ele para resolver o problema do pecado. A cruz é a expressão máxima do caráter de Deus. Ela demonstra que Deus é amor sem deixar de ser justiça, e justiça sem deixar de ser amor. Achar que Deus poderia salvar sem a cruz é desmerecer tanto a gravidade do pecado quanto a santidade de Deus.<sup>22</sup> A morte substitutiva de Cristo permite que Deus nos salve e, ao mesmo tempo, que o pecado receba sua devida punição.

### **Justiça social**

Sob a influência do pós-modernismo, os progressistas desprezam a cosmovisão bíblica e adotam um imediatismo extremo, essencialmente humanístico. Uma das características do pós-modernismo é a crítica a toda e qualquer meta-narrativa, que é um relato amplo (intelectual ou religioso) que

permite integrar os eventos históricos e dar sentido à vida. Aos poucos, porém, essa crítica gerou certa conscientização prática, e foi nesse processo que o pós-modernismo acabou sendo contaminado por valores marxistas.<sup>23</sup> A premissa de que a verdade nada mais é do que um exercício de poder, o qual por sua vez é usado como instrumento de opressão, alimentou o desejo de se fazer algo a respeito, resultando nesse ativismo político-social dos dias atuais. Os progressistas abraçaram esse ativismo. Eles são hávidos em denunciar as estruturas supostamente opressoras da cultura ocidental – envolvendo etnia, gênero, classe social e até meio ambiente –, mas o fazem de forma completamente descontextualizada da cosmovisão bíblico-cristã. Eles rejeitam o relato bíblico da criação, negam o conflito cósmico entre o bem e o mal (a metanarrativa bíblica), reduzem pecado à injustiça social e destruição da natureza, redefinem o plano da redenção e subvertem o governo soberano de Deus. E o pior de tudo é a tentativa de arrastar Jesus para esse lamaçal ideológico, retratando-O não como um Salvador do pecado, mas como um reformador político-social.

A natureza divina de Jesus e o significado da encarnação pouco ou nada importam para os progressistas. Alguns são explícitos em dizer que Jesus não passava de “um humilde mortal”<sup>24</sup> e que Sua suposta divindade nada mais é que uma construção teológica produzida a partir de uma interpretação bíblica equivocada e até desonesta.<sup>25</sup> Eles apelam para teorias ultrapassadas de datação e composição dos evangelhos para tentar demonstrar como foi que Jesus Se tornou Deus no imaginário cristão primitivo.<sup>26</sup> Adorar o Jesus divino, dizem eles, é fazer um ídolo daquilo que é temporal.<sup>27</sup> Alguns não chegam a tanto, mas de uma forma ou de outra, todos tiram o foco da natureza divina de Jesus para enfatizar as questões sociais. Se perguntados sobre Jesus, os progressistas vão dizer que Ele foi um grande mestre moral que nos ensinou a aceitar a todos indistintamente, a lutar pelos excluídos e oprimidos e a viver uma vida de abnegação e respeito pelo próximo.

No entanto, embora tenha falado sobre os deveres sociais de Seus seguidores (Mt 5:44-48; Mc 9:38-41), Jesus jamais Se engajou em qualquer militância social ou política. A insatisfação dos progressistas com a injustiça social pode até ser legítima, mas eles cometem um grave erro e um enorme desfavor ao cristianismo ao tentar retratar Jesus como um reformador social, e não como o Expiador do pecado. Jesus Se compadecia, sim, dos menos favorecidos e tentava diminuir o fardo deles, mas o escopo de Sua missão era, sobretudo, espiritual (cf. Lc 4:18-21; At 10:38). Ele atendia a todos igualmente, quer fossem ricos ou pobres (Mc 10:17-22; Jo 4:46-53), homens ou mulheres (Mc 5:24-34; Lc 8:1-3), oprimidos ou opressores (Mt 8:5-13). Ele nunca priorizou um

grupo em detrimento do outro (Mt 11:28-30). Ele sempre rejeitou honras temporais ou mesmo a insinuação de que era Seu dever subverter a ordem sócio-política predominante. Quando pressionado a assumir uma posição contra a opressão romana, Ele Se recusou a fazê-lo, frustrando a investida dos líderes judaicos (Mc 12:13-17), do povo simples (Jo 6:1-15) e até dos discípulos (Lc 24:21). Jesus tinha absoluta consciência de que Seu reino não era deste mundo (Jo 18:36) e que plena restauração social só seria possível no mundo vindouro (cf. Mt 22:1-14; 25:31-34).

Que os crentes têm uma importante responsabilidade social, não se discute (Mt 22:34-40; Lc 3:10-14). O evangelho traz consigo uma demanda inerente que deve transformar a forma como vemos o mundo e como nos relacionamos com os outros. A questão, portanto, não é *se*, mas *como* vamos cumprir essa demanda. Certamente não o será por meio de qualquer forma de ativismo ou militância, que apenas realça as diferenças, abre feridas e divide ainda mais a sociedade, mas por meio do exercício afirmativo da fé, bondade e civilidade que devem caracterizar a vida do crente (cf. Mt 5:13-16; 1Pe 2:12-17). O princípio do amor é supremo e deve permear todas as nossas ações (Jo 13:34; 1Jo 4:7, 8).

### Pluralismo religioso

Quando é para diminuir a importância das Escrituras, os progressistas recorrem ao chamado princípio cristológico, mas quando é para falar de outras religiões, eles relativizam o princípio e negam a exclusividade da fé cristã. Jesus disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por Mim” (Jo 14:6), e os apóstolos levaram isso bem a sério (cf. At 4:12). Os progressistas, porém, são pluralistas. Eles acreditam que há uma variedade de caminhos alternativos a Deus e que praticantes de outras religiões que levam a fé a sério serão igualmente salvos. Alguns progressistas chegam ao ponto de achar que todas as religiões estão praticamente no mesmo nível.<sup>28</sup> Nessa mesma linha, eles também ofuscam os limites entre o sagrado e o profano, o espiritual e o secular. Ao abrir mão da exclusividade de Cristo, eles se esforçam por interpretar o evangelho à luz de ideologias marxistas, por utilizar conceitos humanísticos para tentar compreender o ser humano e até por introduzir no culto cristão elementos que lhe são estranhos, como, por exemplo, músicas seculares.

Esse, porém, é mais um exemplo de como os progressistas são tendenciosos e adeptos das meias-verdades. Eles não estão completamente errados. O ensino bíblico é claro: Deus Se revela não só por meio das Escrituras, mas também por meio da natureza e da atuação interior do Espírito (Sl 19:1-4; Rm 1:19-21). Tudo aquilo que precisa ser conhecido para que haja uma resposta

de fé e obediência sempre esteve disponível ao ser humano (Rm 1:19-21). Talvez seja por isso que existam fragmentos de verdade, mesmo acerca de Deus, em vários sistemas religiosos ou filosóficos.<sup>29</sup> Paulo reconheceu isso em seu discurso em Atenas (At 17:23-29). Todo aquele que responde favoravelmente a essas revelações é, sim, considerado justo aos olhos de Deus (Rm 2:14, 15).<sup>30</sup> Mas nada disso anula a exclusividade de Cristo, uma vez que nem a natureza nem a consciência falam do plano da redenção, de modo que o imperativo divino é que “todas as pessoas, em todos os lugares, [...] se arrependam” (At 17:30). Mesmo não sendo em si mesmo uma barreira para a salvação, o desconhecimento do evangelho não deve ser usado como pretexto para noções pluralistas, mas como motivação evangelística (Rm 10:14, 15). O testemunho da fé é uma demanda inerente ao evangelho de Cristo (Mt 28:18-20; At 1:8).

Não, porém, para os progressistas. Eles são profusos em discursos sociais, mas pouco ou nada fazem para promover o verdadeiro evangelho entre aqueles que não o conhecem. Retalhos de verdade eventualmente encontrados em religiões ou filosofias humanas não santificam sistemas, muito menos anulam o significado de Cristo ou a necessidade da pregação (1Co 1:17-21). Deus não quer salvar pessoas apenas na ignorância (At 17:30). Pelo contrário, Ele deseja que o evangelho seja conhecido por todas as pessoas (Ef 3:10; 1Pe 2:9). Se é apenas por meio de Cristo que tudo neste Universo será reconciliado com Deus (Cl 1:20), então não há escapatória: ou Cristo é único em nossa devoção, lealdade e pregação ou Ele não é nada para nós (Fp 3:8; Cl 3:11). O zelo de Deus exige exclusividade (Êx 34:14; Js 24:19).

## Hipergraça

Os progressistas se dizem pregadores da graça. Não haveria nada de errado

com isso não fosse o fato de muitos deles, se não todos, usarem a graça divina para desmerecer importantes ensinamentos das Escrituras, como arrependimento, confissão de pecados, obediência, juízo e outros. Vários autores progressistas afirmam que o cristão não pode cometer o pecado imperdoável e que não há como perder a salvação, visto que, em Cristo, todos os pecados passados, presentes e futuros são perdoados e não precisam sequer ser confessados.<sup>31</sup> Alguns chegam ao ponto de sugerir que todos os seres humanos, independentemente de aceitarem ou não a graça divina, serão finalmente salvos, crença conhecida como universalismo.<sup>32</sup> Em geral, cristãos progressistas também são antinominianos, ou seja, contrários à lei. Eles alegam que a lei não foi dada para ser guardada, mas apenas “para reduzir o homem ao pó, e assim fazê-lo sentir a necessidade de um Salvador”.<sup>33</sup> Segundo eles, a lei não é parte da nova aliança. A lei põe o foco em nós mesmos, ao passo que o foco da nova aliança é Jesus.<sup>34</sup> Essas são algumas das ênfases dessa nova onda de ensino progressista comumente chamada de hipergraça.

Não se pode negar que a graça é a maior doutrina da fé bíblica, a que mais a distingue das religiões de feito humano. Sem exceção, todas as religiões pagãs estão fundamentadas no princípio de que os deuses precisam, de alguma forma, ser satisfeitos.<sup>35</sup> O interesse dos progressistas em exaltar a beleza e o poder da graça, portanto, pode até ser louvável, mas a maneira tendenciosa e permissiva com que o fazem, a despeito da bela retórica, mais uma vez denuncia o desprezo deles para com as Escrituras. Os escritores tanto do Antigo quanto do Novo Testamento enfatizam a necessidade do arrependimento, mas os pregadores da hipergraça insistem que essa mensagem não se aplica aos que já experimentaram a graça perdoadora de Deus. É como se o perdão fosse irrevogável, algo como “uma vez salvo, salvo para sempre”. As palavras do próprio Jesus às igrejas do Apocalipse, porém, claramente contradizem esse raciocínio (Ap 2:4, 6, 20; 3:3, 15-19). Ainda que, no que depender de Deus, nada nos separará do Seu amor, e ainda que a segurança em Cristo seja uma das grandes verdades do evangelho (Is 43:25; Rm 8:1, 35-39), a ideia de que o cristão não possa, por sua própria iniciativa ou negligência, perder a salvação não encontra qualquer respaldo bíblico (cf. Gl 5:4; Hb 6:4-6). É possível, sim, decair da graça, e todos, mesmo os crentes, são responsáveis por suas escolhas e por elas terão que prestar contas a Deus (2Co 5:10).

## Retorno à Bíblia

Muito mais poderia ser dito. Por exemplo, alguns progressistas negam, ou hesitam em afirmar, que Jesus tenha ressuscitado dentre os mortos,<sup>36</sup> que aqueles que morreram em Cristo hão de ressuscitar de forma corpórea ou que o Céu seja um lugar literal.<sup>37</sup> Caso se considerem adventistas, eles nada falam sobre a mensagem e a identidade da igreja, tampouco demonstram qualquer compromisso denominacional, mesmo que sejam custeados pela denominação. Alguns enfatizam a suposta liberdade do Espírito (Jo 3:8) para advogar um cristianismo subjetivo, fluido, até mesmo contrário ao evangelho (ver, porém, Jo 14:26), ao passo que outros sequer reconhecem o sétimo dia da semana como o sábado do Senhor. Cristãos progressistas também tendem a valorizar práticas místicas – contemplação, mantras e danças – como expressões válidas da experiência religiosa. O que se busca, para usar o jargão típico, é se conectar com o divino e vivenciá-lo de forma mais íntima e plena, em vez de apenas explicá-lo por meio do intelecto.<sup>38</sup>

A lista poderia continuar. Todos esses (e outros) pontos são apenas indicadores de que os progressistas não reconhecem a autoridade das Escrituras e de que, quando as leem, fazem-no a partir de uma cosmovisão inteiramente diferente da cosmovisão



bíblica. E aqui está o cerne do problema: os progressistas não se aproximam da Bíblia nos termos da Bíblia. Eles não aceitam a reivindicação da própria Bíblia de ser a revelação proposicional de Deus, ou seja, de haver Deus realmente falado por meio dos profetas e apóstolos, reivindicação essa encontrada centenas de vezes tanto no Antigo quanto no Novo Testamento<sup>39</sup> Para eles, a Bíblia não passa de um livro de histórias; na verdade, estórias. Robert Alter, conhecido teólogo da Universidade da Califórnia, em Berkeley, fala do Antigo Testamento como sendo uma “ficção historizada” com propósitos teológicos. Embora ele conceba a possibilidade de alguma base histórica real por detrás dos relatos, a forma como esses relatos chegaram até nós, com todos os seus “adornos folclóricos”, diz ele, não passa de criativa prosa fictícia com significado fluido destinada a ensinar conceitos religiosos ao povo de Israel.<sup>40</sup> Sendo assim, qualquer

conclusão pode ser legitimada, e é exatamente isso o que vemos entre os progressistas. Eles utilizam a Bíblia, mas se negam a interpretá-la de modo literal e autoritativo.

Essa postura encerra a discussão. Quando não há um terreno comum – o reconhecimento mútuo de que a Bíblia é a Palavra de Deus – não há como discutir detalhes interpretativos. São dois mundos diferentes em que a realidade é vista por meio de lentes (pressuposições) diferentes. É verdade que nem todos os progressistas pensam da mesma forma. Há os mais radicais e os menos radicais, mas praticamente todos reinterpretam a Bíblia de acordo com pressuposições humanísticas e pós-modernas. A razão pela qual eles têm tido algum êxito é que a influência do pós-modernismo no mundo cristão ocidental tem sido avassaladora. Uma pesquisa recente (2023) entre evangélicos norte-americanos revelou que o número dos que ainda mantêm uma cosmovisão bíblica não passa de 4%;<sup>41</sup> entre pastores, 37% apenas, conforme pesquisa anterior (2022).<sup>42</sup> Pesquisas indicaram que a maioria dos membros (88%) e dos pastores (62%) mantêm uma cosmovisão híbrida. Ou seja, a cultura está influenciando a igreja muito mais que a igreja está influenciando a cultura.<sup>43</sup>

Ao contrário do que dizem os progressistas, a solução para esse estado de coisas não é o progressismo com todas as suas meias-verdades, revisionismo e mentalidade secular. Tampouco é o fundamentalismo com toda a sua estreiteza de mente, legalismo e espírito crítico. Nem um, nem outro. A solução é um retorno à Bíblia. Pastores e líderes adventistas precisam conhecer os tempos em que vivemos e ter certeza de que o que está sendo pregado de nossos púlpitos é bíblico. O progressismo não o é, visto que rejeita os principais pilares da “fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Jd 1:3). Mais do que nunca, a igreja precisa ser santificada na verdade que se encontra nas Escrituras (cf. Jo 17:17). [Leia o artigo original completo do autor no site \*ministeriopastoral.com.br\*.](#) ■

## Referências

- 1 Extraído do Facebook do livro *The Kissing Fish: Christianity for People Who Don't Like Christianity*, de Roger Wolsey (Colúmbia: Roger Wolsey, 2011).
- 2 David M. Felten e Jeff Procter-Murphy, *Living the Questions: The Wisdom of Progressive Christianity* (Nova York: HarperOne, 2012), p. xii.
- 3 Wolsey, *The Kissing Fish*, p. 192-217.
- 4 Wolsey, *The Kissing Fish*, p. 211.
- 5 Ver Kevin D. Giles, *What Did Jesus Say? Why the Bible Does Not Condemn Homosexuality* (S.I: GBC, 2009), p. 195-197.
- 6 Ver Robert A. Gagnon, *The Bible and Homosexual Practice: Texts and Hermeneutics* (Nashville, TN: Abingdon, 2001), p. 185-228.
- 7 Ver Frank M. Hasel, “Christ-centered Hermeneutics: Prospects and Challenges for Adventist Biblical Interpretation”, *Ministry* (2012), p. 6-9.
- 8 J. Gresham Machen, *Christianity and Liberalism* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1923), p. 62, 63.
- 9 Millard J. Erickson, *Christian Theology* (Grand Rapids, MI: Baker, 1983), p. 303.
- 10 Wolsey, *The Kissing Fish*, p. 79, 80.
- 11 Wolsey, *The Kissing Fish*, p. 80.
- 12 John S. Spong, citado em Felten e Procter-Murphy, *Living the Questions*, p. 22.
- 13 Herman Bavinck, *Reformed Dogmatics: God and Creation* (Grand Rapids, MI: Baker, 2004), v. 2, p. 158.
- 14 Felten e Procter-Murphy, *Living the Questions*, p. 112.
- 15 Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 8, p. 241.
- 16 Felten e Procter-Murphy, *Living the Questions*, p. 110. Ver também Richards Fredericks, “The Moral Influence Theory: Its Attraction and Inadequacy”, *Ministry* (1992), p. 6-10.
- 17 Wolsey, *The Kissing Fish*, p. 157-174.
- 18 Gregory A. Boyd, *The Nature of the Atonement: Four Views* (Downers Grove: IVP, 2006), p. 23-49.
- 19 Ver John Stott, *Why I Am a Christian* (Downers Grove: IVP, 2003), p. 54-56.
- 20 Felten e Procter-Murphy, *Living the Questions*, p. 168.
- 21 Sobre a justiça de Deus, ver Erickson, *Christian Theology*, p. 288, 289.
- 22 Stott, *Why I Am a Christian*, p. 55.
- 23 Ver Robert S. Smith, “Cultural Marxism: Imaginary Conspiracy or Revolutionary Reality?” *Them* 44.3 (2019), p. 436-465, disponível em <link.cpb.com.br/c1a450>, acesso em 7/12/2023.
- 24 Felten e Procter-Murphy, *Living the Questions*, p. 182.
- 25 Robin R. Meyers, *Saving Jesus from the Church: How to Stop Worshipping Christ and Start Following Jesus* (Nova York: HarperOne, 2009), p. 13.
- 26 Ver Mark L. Strauss, *Four Portraits, One Jesus: A Survey of Jesus and the Gospels* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2020), p. 415-461; Wilson Paroschi, “Archaeology and the Interpretation of John's Gospel: A Review Essay”, *Journal of the Adventist Theological Society* 20 (2009), p. 67-88.
- 27 Ver Meyers, *Saving Jesus from the Church*, p. 13-34.
- 28 Ver Wolsey, *The Kissing Fish*, p. 183-191; Felten e Procter-Murphy, *Living the Questions*, p. 221-228.
- 29 Ellen G. White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 7, 8.
- 30 Ver Wilson Paroschi, “Intentional Design and Innate Morality: Creation in Romans 1-2”, em *The Genesis Creation Account and Its Reverberations in the New Testament* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2022), p. 277-284.
- 31 Joseph Prince, *Destined to Reign* (Tulsa, OK: Harrison, 2007), p. 90, 91, 232-234.
- 32 Ver Thomas R. Schreiner, *Paul, Apostle of God's Glory in Christ: A Pauline Theology* (Downers Grove, IL: IVP, 2001), p. 182-188.
- 33 Prince, *Destined to Reign*, p. 123.
- 34 Prince, *Destined to Reign*, p. 196.
- 35 Ver Josh McDowell e Don Stewart, *Handbook of Today's Religions* (Nashville, TN: Nelson, 1983).
- 36 Felten e Procter-Murphy, *Living the Questions*, p. 116-125; Wolsey, *The Kissing Fish*, p. 106-107.
- 37 Wolsey, *The Kissing Fish*, p. 176-179.
- 38 Felten e Procter-Murphy, *Living the Questions*, p. 220-228. Ver Carl McColman, *The Big Book of Christian Mysticism* (Mineápolis, MN: Broadleaf, 2021), p. 255.
- 39 Ver D. A. Carson, *The Gaggling of God: Christianity Confronts Pluralism* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2011), p. 141-345.
- 40 Robert Alter, *The Art of Biblical Narrative* (Nova York: Basic Books, 2011), p. 12, 40.
- 41 Ver George Barna, “Incidence of Biblical Worldview Shows Significant Change Since the Start of the Pandemic”, *Cultural Research Center* (2023), disponível em <link.cpb.com.br/e5cf38>, acesso em 7/12/2023.
- 42 Ver Tracy F. Munsil, “New Study Shows Shocking Lack of Biblical Worldview Among American Pastors”, *Arizona Christian University* (2022), disponível em <link.cpb.com.br/a5888b>, acesso em 7/12/2023.
- 43 Ver *The State of Theology*, disponível em <thetateoftheology.com>, acesso em 7/12/2023.



SEMANA SANTA 2024

Promoção válida de 1º de fevereiro a 29 de março



PRODUTOS ESPECIAIS  
COM DESCONTOS  
INCRÍVEIS!

MKT CPB | Adobe Stock

Promoção válida de 1º de fevereiro a 29 de março ou enquanto durar o estoque.



# A ÚLTIMA VITÓRIA

O CAMINHO QUE LEVA À VITÓRIA,  
DISPONÍVEL PARA TODAS AS IDADES!



LANÇAMENTO!

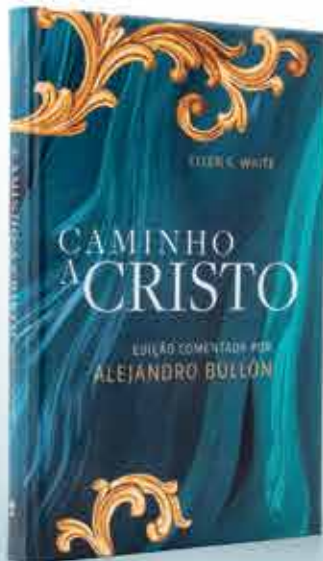
CAMINHO A CRISTO  
edição comentada por  
**Alejandro Bullón**

POR APENAS

**R\$ 33,00**

- Cód.: 21567
- Formato: 14 x 21
- Páginas: 144
- Acabamento: Encadernado

*Ellon G. White*



10%

CAMINHO A CRISTO  
edição para colorir

de: R\$ 15,50 por:

**R\$ 13,95**

- Cód.: 20809
- Formato: 20,4 x 20,4
- Páginas: 32
- Acabamento: Grampeado

FAIXA ETÁRIA: 4 A 6 ANOS





"O Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, **venceu.**" Apocalipse 5:5

10%



**CÓD. 16085** REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO  
Ranko Stefanovic  
de: R\$ 145,00 por:  
**R\$ 130,50**

20%



**CÓD. 16071** MESTRE SEM IGUAL  
Paulo G. Freitas  
de: R\$ 30,20 por:  
**R\$ 24,15**

10%



**CÓD. 19942** TEODICEIA DO AMOR  
John Peckham  
de: R\$ 60,70 por:  
**R\$ 54,65**

20%



**CÓD. 17823** LIÇÕES DO MESTRE JESUS  
Renato Gross  
de: R\$ 52,50 por:  
**R\$ 42,00**

10%



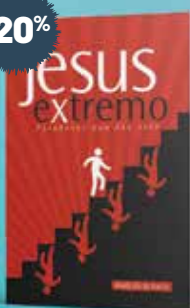
**CÓD. 5100** CONHECER JESUS É TUDO  
Alejandro Bullón  
de: R\$ 13,90 por:  
**R\$ 12,50**

20%



**CÓD. 5088** COMO JESUS TRATAVA AS PESSOAS  
Morris L. Venden  
de: R\$ 32,60 por:  
**R\$ 26,10**

20%



**CÓD. 11493** JESUS EXTREMO  
Marcos Blanco  
de: R\$ 27,30 por:  
**R\$ 21,85**

30%



**CÓD. 16376** DISCIPULADO RADICAL  
Aivars Ozolins, Elizabeth Talbot  
de: R\$ 23,30 por:  
**R\$ 16,30**

20%



**CÓD. 8644** A PAIXÃO DE CRISTO  
Ellen G. White  
de: R\$ 30,50 por:  
**R\$ 24,40**

30%



**CÓD. 14620** CRER FAZ BEM  
Julian Melgosa  
de: R\$ 47,70 por:  
**R\$ 33,40**

20%



**CÓD. 14623** GUERRA NO CÉU  
Ariane M. Oliveira  
de: R\$ 29,90 por:  
**R\$ 23,20**

10%



**CÓD. 16713** COM JESUS VOCÊ VENCE O MEDO  
Julio Leal, Naiide Sacramento  
de: R\$ 15,00 por:  
**R\$ 13,50**

20%



**CÓD. 20105** O PERSONAGEM PRINCIPAL  
Anne Lizlie Hirle  
de: R\$ 23,10 por:  
**R\$ 18,50**

30%



**CÓD. 10415** MILAGRES DE CRISTO  
livro para colorir  
Casa Publicadora Brasileira  
de: R\$ 23,90 por:  
**R\$ 16,75**

20%



**CÓD. 12093** JESUS ME DIZ ASSIM  
Cristina Macena, Thiago Lobo  
de: R\$ 32,50 por:  
**R\$ 26,00**



Accesse outros produtos da promoção através do QR CODE ao lado ou pelo nosso site **CPB.COM.BR**

Ligue grátis  
**0800-9790606**

WhatsApp  
(15) **98100-5073**

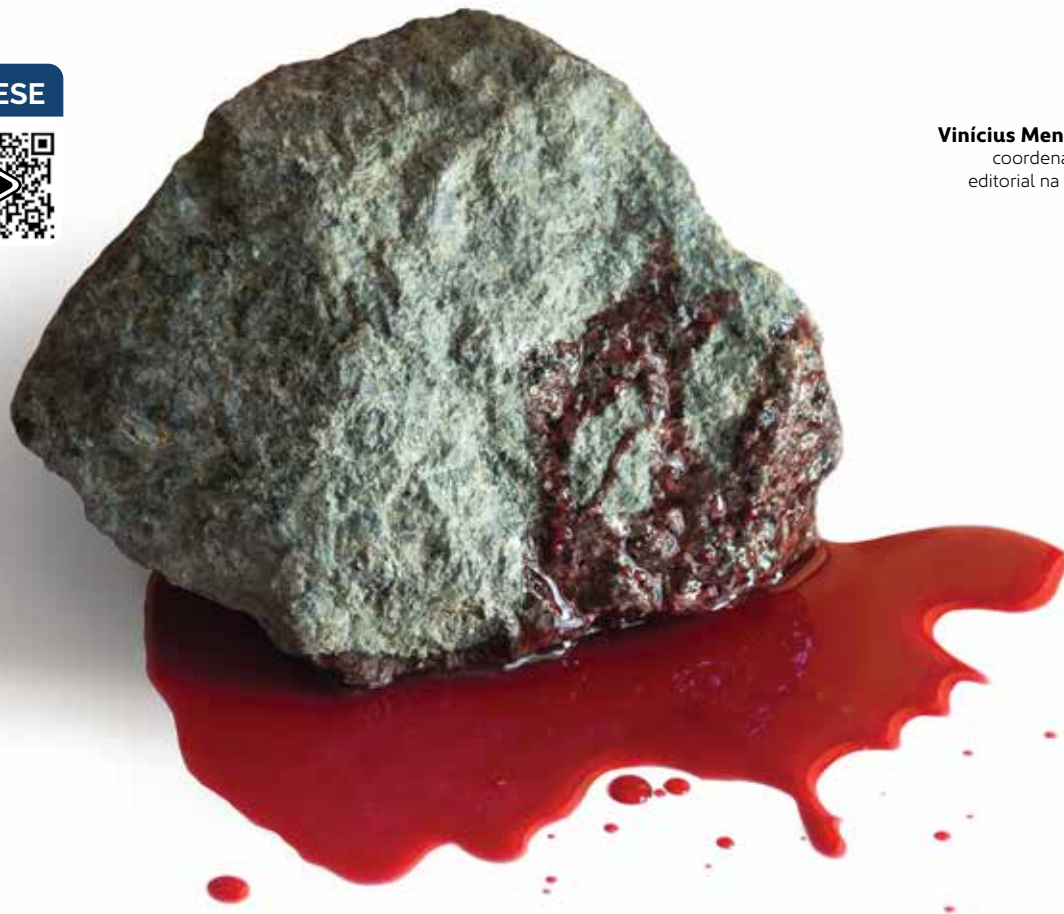
Encontre a  
**CPB LIVRARIA**  
mais próxima



Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910

atendimentolivrarias@cpb.com.br

/cpbeditora



# O SANGUE DO PRIMOGÊNITO

O conflito entre  
Caim e Abel  
revela métodos  
antagônicos de  
salvação

O grande conflito é a moldura dourada da história da redenção. Desde as primeiras páginas da Bíblia, o evangelho é anunciado, revelando Deus em guerra para salvar Seus filhos. Para desfazer os laços de “amizade” que ligavam a serpente e a humanidade, Deus pôs uma inimizade entre ambos, e fez isso prometendo que a mulher teria um Descendente capaz de enfrentar o inimigo e vencê-lo.

Gênesis 3 é o ambiente narrativo que acolhe o relato de Gênesis 4, que tem os versos 1 e 25 como moldura. O panorama do capítulo opõe modelos soteriológicos diferentes. De um lado, revela-se o método divino da salvação pela graça mediante a fé; de outro, percebe-se a proposta de salvação com base em mérito humano.

## Quem plantou a semente?

Segundo Ellen White, Adão e Eva entenderam que Caim seria o descendente esperado. “[Adão e Eva] Receberam alegremente seu primeiro filho, na esperança de que fosse o Libertador.”<sup>1</sup> Essa esperança parece estar refletida na frase que Eva usa para justificar a escolha do nome de seu primogênito: “Adquiri um varão...” (4:1). Nessa declaração, Eva é o sujeito do verbo *qanah*. Esse termo pode significar “adquirir”, “obter”. Porém, tem também



a acepção de “criar”; nesse caso, apenas aceitando Deus como sujeito (ver Gn 14:19, 22; Dt 32:6; Sl 139:13; Pv 8:22). Esse sentido parece estar presente no texto, sugerindo uma pretensa autodivinização de Eva, que passa a acreditar que Caim teria vindo à existência por um ato criador dela ou, na melhor das hipóteses, em parceria com Deus.

Kenneth Mathews argumenta que o “inesperado uso de ‘varão’ (*ish*) para identificar Caim, que não é empregado em nenhum outro lugar para um filho, [...] é uma alusão aos capítulos 2 e 3 de Gênesis”,<sup>2</sup> o que evoca os atos criativos de Deus. Umberto Cassuto prefere o sentido de “criar” e comenta: “A primeira mulher [...] orgulha-se de seu poder gerador, que se aproxima, na percepção dela, ao poder criativo divino. ‘O Senhor formou o primeiro homem [...], e eu formei o segundo [...] com Ele na categoria de criadores’.”<sup>3</sup>

Para além disso, Jacques Doukhan afirma que Eva creu que Caim fosse o próprio Senhor. O autor argumenta que a expressão “com o auxílio do Senhor”, que ocorre em muitas traduções modernas, é inadequada<sup>4</sup> e que “*qanithi ish eth Adonai*” deve ser vertido como “adquiri um varão, o Senhor”.<sup>5</sup> Muitos autores, porém, optam pela tradução tradicional, em que Eva se apresenta em sinergia com o Senhor na geração de Caim. Seja como for, o pronunciamento dela em Gênesis 4:1 “sinaliza ao leitor que ele deve esperar problemas na vida e na linhagem de Caim”.<sup>6</sup>

A “criação” de Caim por parte de Eva conecta a narrativa do capítulo 4 com as correções divinas da mulher no capítulo 3 (v. 16). O texto bíblico deixa subentendido que a gravidez e o parto doloroso teriam sido o preço que Eva imaginou ter pagado para “criar” seu salvador. O relato deixa entrever que a humanidade estaria flertando com um modelo de salvação diferente do que havia sido apresentado por Deus.

## Agricultores x pastores

Na sequência, o relato apresenta as escolhas vinculadas às profissões dos dois filhos de Adão e Eva. Caim segue a vocação do pai, tornando-se

agricultor; Abel escolhe ser pastor de ovelhas. Nesse ponto, o narrador dá uma pista do conflito, em que os dois irmãos serão antagonistas. No Gênesis, essas duas profissões representam modos de vida opostos. A atividade agrícola pressupõe a permanência em uma cidade, e Caim é o edificador da primeira (Gn 4:17). O pastoreio, por sua vez, vincula-se ao nomadismo, modo de vida assumido pelos patriarcas.

Ao se tornar lavrador, Caim parece enfrentar a disciplina divina com o objetivo de pagar o preço do pecado do pai. Adão havia se tornado agricultor a partir das correções de Deus em razão da queda (ver Gn 3:17-19). O conflito paradoxal de Adão com a terra é a guerra do homem contra sua origem. O ser humano vence batalhas diárias e extrai do solo o sustento, mas, ao morrer, perde a guerra ao ter que retornar à terra. Esse drama resulta do pecado e é vaticinado por Deus como consequência natural de Adão ter comido o fruto proibido.

A escolha pela vida agrária sugere o inconformismo de Caim com a realidade decorrente da queda. A oferta dele soa como uma declaração de vitória. O fruto é resultado de seu trabalho, revelando, portanto, uma tentativa de apresentar justiça própria. Essa oferta se assemelha à atitude de sua mãe, que apresentou o fruto de seu ventre como uma obra meritória (Gn 4:1).

A vinculação de Caim com a descendência da serpente se insinua no texto, ficando cada vez mais evidente. A expressão hebraica para “fruto” (*peri*, Gn 4:3) da terra é a mesma para “fruto” (*peri*, Gn 3:2) da árvore do conhecimento do bem e do mal. De maneira sutil, o narrador liga o ato de Caim ao da serpente. Em Gênesis 3, a serpente oferece o fruto à humanidade; em Gênesis 4, Caim oferece o fruto a Deus. Nos dois relatos, o ato de oferecer o fruto resulta em tragédia.

De outro lado, Abel se vincula à descendência prometida. É curioso, porém, que o narrador não tenha mencionado uma segunda concepção de Eva nem apresente uma celebração da mãe pelo nascimento de Abel. Ela não registra uma frase para justificar a escolha do nome de seu segundo filho. Esse silêncio combina com o fato de Abel não falar sequer uma palavra no relato.<sup>7</sup> Embora ele não fale, até a voz de seu sangue é ouvida por Deus (Gn 4:15). Abel escolhe a profissão de pastor, o que o associa à resolução do problema da nudez, resultante da queda (Gn 3:21). Enquanto o agricultor Caim parece ressentido na luta inglória com a terra, Abel escolhe uma atividade vinculada à solução divina para o pecado. Caim segue a profissão de Adão; Abel escolhe a vocação de Deus.

Esse mesmo padrão se repete na vida de outros irmãos em disputa pela primogenitura no Gênesis.<sup>8</sup> Por exemplo, além de “perito caçador”,<sup>9</sup> atividade predatória e vinculada ao grande vilão Ninrode (Gn 10:8, 9), Esaú foi “homem do campo (*sadeh*)”. Esaú era agricultor como Caim.<sup>10</sup> Mais do que isso, a expressão hebraica para “campo” conecta-se à narrativa da serpente, que é descrita como “o mais sagaz que todos os animais selváticos (*sadeh*)”. O campo também é o território de Caim, para onde ele leva Abel a fim de assassiná-lo. Jacó, por sua vez, é descrito como homem íntegro (*tam*) e habitante de tendas, condição equivalente à de pastor e peregrino.

## Sacrifício

Uma análise dos verbos em hebraico sugere a existência de um conflito entre os irmãos sobre a primogenitura. Em Gênesis 4:3 e 4, os tempos verbais empregados revelam que Abel ofereceu seu sacrifício antes de Caim. Uma tradução mais literal seria: “Ao final de uns tempos, Caim trouxe uma oferta ao Senhor do fruto da terra. Abel *havia trazido* dos primogênitos de suas ovelhas com a gordura destas.”<sup>11</sup> Embora a oferta de Abel seja narrada depois da de Caim, ela é apresentada com um tempo verbal que indica sua anterioridade.<sup>12</sup>

Abel revela prontidão em atender ao chamado divino, e essa é uma característica esperada de um líder espiritual. O uso da palavra *bekhorah*, literalmente “primogênito”, no verso 4, em referência à qualidade do sacrifício escolhido por Abel, dialoga com o contexto de disputa pela primogenitura, revela o caráter de Abel e preanuncia o clímax do enredo, em que o verdadeiro primogênito da família será “sacrificado”.

Gênesis 4:7 tem um hebraico truncado, proporcionando traduções não tão precisas. Joaquim Azevedo se debruçou sobre o verso e propôs uma tradução esclarecedora. Com sólida argumentação, o autor afirma que o verso 7 “apresenta a solução para o erro de Caim. Ele poderia oferecer um *khattath* com o objetivo de obter perdão para sua falha, e então o desejo do seu irmão seria para ele e, novamente, teria a preeminência como primogênito”.<sup>13</sup> De igual modo, Richard Davidson traduz o trecho da seguinte forma: “Se você fizer bem, não terá preeminência da dignidade do primogênito? Mas se você não fizer bem, uma oferta de purificação estará à porta; para você será o desejo dele [Abel] e você o dominará.”<sup>14</sup>

Segundo Jacques Doukhan, “o sentido de 4:7 tem implicações importantes para o entendimento de 3:16, uma vez que esses dois versos são paralelos e compartilham numerosos ecos”.<sup>15</sup> A interpretação acima, portanto, indica que o tema dos dois relatos é a disputa pela primazia. Em Gênesis 3:16, Deus diz a Eva: “O teu desejo será para o teu marido, e ele te governará.” O desejo de Eva é subordinado ao de Adão. Em Gênesis 4:7, o desejo de Abel se insurge contra Caim. Existe algum debate sobre o significado de “desejo” nas duas passagens, mas, de acordo com Hamilton<sup>16</sup>, o sentido não tão claro da expressão em Gênesis 3:16 é explicado em sua ocorrência em Gênesis 4:7, em que a disputa por domínio, e não o desejo sexual, fica evidente.<sup>17</sup> Assim, o que está em jogo nos dois relatos é quem será o primogênito, ou seja, o herdeiro da maior parte das bênçãos e líder do clã.<sup>18</sup>

Caim rejeita a oferta graciosa de Deus. Ele tem um jeito próprio de resolver problemas. Como não aceita a ameaça a seu governo, chama o irmão para o campo e o mata. Assim, o verso 8 materializa o conflito anunciado em Gênesis 3:15. Deus havia prometido uma descendência à mulher, e esta é inaugurada com Abel. A serpente também teria uma descendência, e Caim se revela como seu precursor. A primeira batalha da guerra cósmica ocorre. Tipologicamente cabeça e calcanhar são atingidos. Como uma ovelha muda, Abel morre. O falso messias Caim sobrevive, mas perde a condição de cabeça da humanidade.

## Salvação no juízo

Após os dois pecados fatais em cada um dos capítulos, ocorre uma cena de juízo, na qual Deus corrige o desvio da rota e anuncia o evangelho, punindo a serpente e sua descendência. Em Gênesis 3:9, Deus pergunta ao homem “Onde estás?”; em Gênesis 4:9, Ele questiona a Caim: “Onde está Abel, teu irmão?” Em Gênesis 3 e 4, Deus pergunta por Adão e Abel, e não por Eva e Caim, o que parece indicar quem é a pessoa com a primazia em cada um dos trechos. Embora corrigida como o esposo, Eva é, por sua vez, nobremente referida como a depositária da semente da esperança (Gn 3:15). No capítulo 4, Deus insiste em dialogar com Caim, porém, mais uma vez, ele rejeita a graça divina (v. 9).

Em Gênesis 3:13, Deus pergunta a Eva: “Que é isso que fizeste”. Ela responde: “A serpente me enganou, e eu comi.” A resposta aponta para a fala extraordinária do animal e revela que a serpente havia assumido a primazia do mundo, ao usurpar uma atribuição até então exclusivamente divina: prover o alimento (ver Gn 1:29). A serpente havia seduzido a mulher a repetir o mesmo gesto com o marido.<sup>19</sup> A mulher ofereceu o fruto então, “e ele comeu” (Gn 3:6). Tentando se eximir da culpa, Adão se apoia em uma passividade fatal: “Ela me deu da árvore, e eu comi” (Gn 3:12). Uma nova hierarquia se forma. A serpente ocupa o lugar de Deus,<sup>20</sup> a mulher recebe a orientação do animal e repassa ao marido.<sup>21</sup> Em Gênesis 4:10, Deus faz a mesma pergunta (“Que fizeste?”) a Caim e completa com o fantástico e metafórico grito do sangue de Abel. No capítulo 3, a serpente fala para usurpar o domínio; no 4, o clamor do sangue de Abel é ouvido por Deus e revela quem tem a primazia. A verborragia de Caim não lhe garante a primogenitura. O silencioso Abel, porém, é eloquente e “mesmo depois de morto, ainda fala” (Hb 11:4).



O clímax do juízo no capítulo 3 é o verso 15. É significativo que “porei” (*ashith*), verbo que tem Deus como sujeito, está em relação de paronomásia com “O que fizeste (*asith*)?”, que tem a mulher como sujeito em Gênesis 3:13.<sup>22</sup> Com esse jogo de palavras, o autor bíblico opõe a ação humana à de Deus. O que o ser humano faz por si mesmo resulta em tragédia. O que Deus faz resulta em salvação. No trecho paralelo do capítulo 4, Deus age com misericórdia e põe (*sum*) em Caim uma marca para lhe preservar a vida.

O juízo divino tem sentenças semelhantes nos dois capítulos. Como resultado da desobediência, Adão e Eva são expulsos do jardim e inauguram a peregrinação do povo de Deus de volta ao lar perdido. No capítulo 4, Caim é banido da presença de Deus e se estabelece ao oriente do Éden, dando definitivamente as costas para Deus (Gn 4:16).

## Recomeço

Em Gênesis 4:25, os termos empregados em Gênesis 3:15 são retomados de forma direta. O conflito iniciado por Deus (“porei” *ashith*) é continuado com o fato de Adão e Eva terem um novo filho. Eva o chama de Sete (*sheth*), substantivo derivado do verbo *shith*, que ocorre em Gênesis 3:15, na declaração de guerra de Deus contra a serpente. Na frase para justificar a escolha do nome de seu filho, a mulher apresenta Deus como o sujeito do verbo *shath* (forma conjugada de *shith*). Aqui Eva reconhece que Deus havia “posto” outra semente nela. Deus, e não Eva, é reconhecido como responsável pela provisão do filho prometido. Não é o ser humano que provê a salvação. É Deus quem faz isso. Continuamente a Bíblia nos lembra desse fato com as limitações humanas sendo substituídas pela onipotência divina. As matriarcas estéreis, por exemplo, nos sinalizam que Deus faz o impossível

para salvar Seu povo. Ele transforma o riso da incredulidade em uma risada de alegria e esperança (Gn 18:12; 21:3). Os nascimentos milagrosos testificam que não “há coisa difícil para o SENHOR” (Gn 18:14). Na plenitude do tempo, a gravidez milenar do povo de Deus resultou no nascimento do Descendente definitivo, que foi misteriosamente *posto* pelo Espírito Santo no ventre de uma virgem. Cumpriu-se então o que estava profetizado no protoevangelho (ver Ap 12). É assim que Deus salva: sem “relação com homem algum” (Lc 2:34).

A hostilidade entre as descendências da mulher e da serpente antecipa o embate final entre Cristo e Satanás. As disputas entre irmãos e entre povos narradas no texto bíblico fizeram a guerra cósmica tomar corpo na Terra. Deus pôs hostilidade entre o ser humano e a serpente. Como Ele fez isso? Garantindo que um Descendente viria para lutar, em nosso lugar, contra o dragão, a antiga serpente. A graça divina se revela no grande conflito. No fim das contas, a história da salvação se resume no ato de Deus Se levantar, defender Seu povo e compartilhar os méritos de Sua vitória conosco. ■

## Referências

- 1 Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 20.
- 2 Kenneth Mathews, *Genesis 1—11:26* (Nashville, TN: B & H, 1996), v. 1 A, p. 265.
- 3 Umberto Cassuto, *A Commentary on the Book of Genesis from Adam to Noah* (Jerusalém: Magnes Press, 1959), p. 201.
- 4 Jacques Doukhan, *No Caminho de Emaús* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2018), p. 9.10. O autor explica que o termo “o Senhor” deve ser entendido gramaticalmente como o acusativo do verbo ‘adquirir’. Porém, se respeitarmos a sintaxe do texto hebraico, deparamo-nos com uma declaração teológica bastante perturbadora, a saber, que Eva está se referindo ao próprio Senhor. Se, de fato, Eva está aludindo ao Senhor, enquanto dá à luz Caim, ela pode estar, dessa forma, apontando para o texto anterior de Gênesis 3:15.”
- 5 Essa interpretação também é assumida em Francis D. Nichol, *Comentário Bíblico Adventista* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), v. 1, p. 223.
- 6 Bruce K. Waltke, *Gênesis* (São Paulo: Cultura Cristã, 2019), p. 115.
- 7 Ver Victor P. Hamilton, *The Book of Genesis Chapter 1-17* (Grand Rapids, MI: Eedermans, 1990), p. 222.
- 8 Por exemplo, Raquel era pastora (Gn 29:9); o primogênito de Lia, Rúben, colhe no campo (*sadeh*) mandrágoras. A mãe usa essa planta como pagamento a Raquel para ter uma noite com o marido, o que retoma a compra da primogenitura de Jacó com lentilhas (Gn 25:31-34) e a “aquisição” do primogênito de Eva com o fruto do próprio ventre (Gn 4:1).
- 9 Ismael, o antagonista de Isaque, é descrito como flecheiro (Gn 21:20), em oposição a Isaque, que foi pastor (Gn 26:13, 14).
- 10 O substantivo “Esaú” é derivado do verbo hebraico *asah*, termo vinculado às ações humanas em busca de mérito próprio (Gn 3:7, 13, etc.).
- 11 Tradução própria.
- 12 Ver Joaquim Azevedo, “À Porta do Paraíso. Uma Interpretação Contextual de Gen 4:7”, *Hermenêutica*, v. 3 (2003), p. 6. O autor explica que houve aqui o uso da formação w[x] qatal, que pede a tradução com o aspecto mais-que-perfeito. Isso revelaria a anterioridade da oferta de Abel.
- 13 Joaquim Azevedo, “À Porta do Paraíso. Uma Interpretação Contextual de Gen 4:7”, p. 13.
- 14 Richard Davidson, “Shame and Honor in Beginning: A Study of Genesis 4”, em *Shame and Honor: Presenting Biblical Themes in Shame in Honor Contexts* (Berrien Springs, MI: Andrews University), 2014, p. 67.
- 15 Jacques Doukhan, *Seventh-Day Adventist International Bible Commentary: Genesis* (Nampa, ID: Pacific Press, 2016), p. 121.
- 16 Ver Victor P. Hamilton, *The Book of Genesis chapter 1-17*, p. 201.
- 17 Ver S. T. Foh, “What is the Woman’s Desire”, *Westminster Theological Journal*, v. 37 (1974/1975), p. 383.
- 18 Na fala de Deus a Caim, é empregado o termo *se’et* para se referir ao que estava em jogo no sacrifício. Traduzida em português como “será aceito”, em hebraico a expressão tem que ver com a dignidade e preeminência do primogênito (ver Gn 49:3).
- 19 O inimigo repete a mesma estratégia na tentação do deserto, mas Cristo vence e não aceita a oferta de alimento de Satanás (ver Lc 4:1-4).
- 20 Nesse sentido, Jesus diz que o diabo havia se tornado o príncipe deste mundo (ver Jo 12:31). O juízo investigativo é o tribunal em que o domínio é devolvido para os santos do Altíssimo (Dn 7:26, 27).
- 21 Essa ordem inverte a que está pressuposta em Gênesis 2:15 a 25, em que Deus fala diretamente com o homem, que compartilha a revelação com a esposa (ver 1Tm 2:13-15).
- 22 O mesmo verbo já havia sido utilizado para realçar a tentativa de obter justiça própria de Adão e Eva, que “coseram folhas de figueira e fizeram (*asah*) cintas para si” (Gn 3:7).



**José Wilson**  
secretário ministerial para os  
estados de Bahia e Sergipe



# A RAIZ DO DISCIPULADO

O que significa  
seguir a Cristo

discipulado enraizado em Cristo, pois é Nele que todo o processo começa, cresce e se fundamenta.

Como podemos ter certeza de que nossa vida está enraizada em Jesus? No contexto imediato (Cl 2:2), Paulo usou a palavra grega *epignōsis*, que significa “compreensão plena” ou “conhecimento completo” de Cristo. Em sua segunda carta, Pedro usou a mesma palavra, com propósito semelhante (2Pe 1:2, 3, 8; 2:20). Esses versos apresentam a chave para entendermos o que é uma vida enraizada em Cristo.

O termo *epignōsis* não significa apenas conhecimento teórico, mas também experimental. Por meio de ambos, as faculdades espirituais são vivificadas e tornam o adorador sensível às verdades espirituais. Trata-se de um conhecimento progressivo. Deus revela a cada dia novos aspectos de Seu caráter que comovem a pessoa e a inspiram a um viver santo.<sup>1</sup>

Com certeza, ter o conhecimento amplo não significa saber tudo sobre Jesus, mas sim, desenvolver um relacionamento profundo com Ele, o qual nos conduz a uma transformação espiritual gradativa. Esse processo se consolida com a mudança de nossa cosmovisão, e não apenas de nossas crenças, comportamento e valores. Paul Hiebert descreveu bem essa perspectiva: “A transformação espiritual é a obra de Deus na vida de um pecador, tornando-o filho de Deus e cidadão do reino de Deus. É também a obra de Deus na igreja, a comunidade dos seguidores de Cristo. Por ser a obra de Deus, não podemos compreendê-la plenamente. Só no Céu começaremos a entender sua magnitude e seu custo. Ainda assim, devemos procurar compreender, mesmo que através de um vidro escuro, a natureza divina da transformação.”<sup>2</sup>

Dentro desse contexto, Hiebert apresenta um panorama histórico interessante: A mudança de comportamento foi o foco do protestantismo inicial. A mudança de crenças, o foco do século 20. Já a

**C**onhecer Jesus é a experiência mais fascinante da vida. No entanto, não se trata de algo pontual ou momentâneo, mas de um processo de crescimento contínuo. Paulo definiu bem isso ao escrever: “Portanto, assim como vocês receberam Cristo Jesus, o Senhor, continuem a viver Nele, estando *enraizados* e edificados Nele, e confirmados na fé, como foi ensinado a vocês, crescendo em ações de graças” (Cl 2:6, 7). Na expressão “enraizados” encontra-se a interessante metáfora da raiz.

A raiz é o órgão vegetal responsável pela sustentação da planta e pela absorção de água e sais minerais, os quais são levados para as partes aéreas do vegetal. É interessante observar que, quanto mais profunda for a raiz, mais firme e funcional será a planta. Essa metáfora é apropriada para nos ensinar a necessidade de um



transformação das cosmovisões deve ser central para a igreja e a missão no século 21.<sup>3</sup>

Diante dessa percepção, analisaremos a seguir duas dimensões desse processo transformador: o conhecimento cognitivo e o conhecimento relacional.

### Conhecimento cognitivo

Na sua segunda carta a Timóteo, Paulo ratifica: “Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2Tm 2:15). O apóstolo também destacou: “Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o servo de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (3:16, 17).

Já o apóstolo Pedro escreveu: “Estando sempre preparados para responder a todo aquele que pedir razão da esperança que vocês têm” (1Pe 3:15). Nesse verso, a palavra “responder”, em grego, é *apologia*, cuja tradução poderia ser “defender”. Assim sendo, ninguém sabe defender a razão da esperança sem ter o conhecimento teórico da verdade que ensina.

Nesse panorama de defesa da fé, Paulo destaca que Jesus concedeu dons a Sua igreja para não ser levada “de um lado para o outro por qualquer vento de doutrina, pela artimanha das pessoas, pela astúcia com que induzem ao erro” (Ef 4:8-14). O apóstolo também exorta: “Tudo o que no passado foi escrito, para o nosso ensino foi escrito” (Rm 15:4).

Em face das mais variadas situações, Jesus sempre usou o conhecimento teórico das Escrituras para Se manter firme em Sua missão. Citou a Bíblia ao enfrentar o diabo, bem como para desmascarar os líderes judeus (Mt 4:6-10; 12:1-7; Lc 4:16-21). Posteriormente, os apóstolos entenderam que o ensino das Escrituras deveria ser o fundamento para o avanço do evangelho. Foram coerentes em suas pregações, pois falavam de acordo com o conteúdo do Antigo Testamento (At 2:16-36; 4:23-26; 7:2-53; Tg 4:5-7; 1Pe 1:16, 23-25; 2Pe 3:1-9).

É inegável que a negligência do estudo das Escrituras tenha sido o principal motivo

do surgimento de tantas heresias e controvérsias no seio da igreja apostólica, bem como na Idade Média. A despeito do esforço de uma minoria remanescente, foi apenas no contexto da Reforma Protestante que se deu o maior interesse pelo estudo cognitivo das Escrituras.

No livro *O Grande Conflito*, Ellen White destacou o papel de Lutero e dos demais reformadores como precursores dos adventistas.<sup>4</sup> Na Igreja Adventista, o aspecto cognitivo foi muito mais enfatizado nas primeiras décadas do movimento. Após o Grande Desapontamento de 1844, Ellen White escreveu livros e cartas com foco no conhecimento intelectual das Escrituras. Sem dúvida, está no DNA da Igreja Adventista o compromisso em aprender e ensinar a Bíblia. Essa é uma marca que continua sendo importante para manter esse movimento profético firme em seu propósito.

Contudo, é perceptível na Bíblia e nos escritos de Ellen White que não basta ter o conhecimento teórico ou intelectual de Cristo e de Sua Palavra. A dimensão experimental ou relacional também é indispensável, conforme veremos a seguir.

### Conhecimento relacional

O cientista norte-americano Roger Sperry ganhou o prêmio Nobel de Medicina por apresentar a teoria dos dois hemisférios do cérebro: o direito e o esquerdo. Ele afirmou que cada lado controla uma série de funções. Destacou que o hemisfério esquerdo se ocupa da linguagem e das operações lógicas (como fazer contas, estudar, escrever, etc.) e o direito controla as emoções e a criatividade. Ou seja, o lado esquerdo é o da razão e o hemisfério direito é o dos sentimentos.<sup>5</sup>

Embora essa teoria seja questionada entre os cientistas da atualidade, essa sugestão do funcionamento cerebral nos leva a pensar e admitir que o conhecimento não se limita ao aspecto cognitivo. O conhecimento intelectual é importante, mas há outro aspecto indispensável: o conhecimento ou a aprendizagem relacional. Várias personalidades bíblicas valorizaram muito essa habilidade com relação à amizade com Deus, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Dentre eles, destacamos: Enoque (Gn 5:22-24); Noé (Gn 6:7-9); Davi (Sl 27:8; 31:1; 42:1, 2; 62:1, 2; 139:1-24); Paulo (Gl 5:16; Cl 2:6, 7) e Pedro (2Pe 1:2-11).

Ao analisar o ministério de Cristo, percebemos que esse foi um grande legado do Mestre. Ele encarou Sua missão com muita oração e dependência do Pai (Mc 1:35; Lc 6:12). Vivendo como um ser humano, Cristo sabia que Seu relacionamento íntimo com o Pai seria imprescindível. Os primeiros discípulos perceberam e receberam essa influência positiva.

Certa vez, Jesus disse aos judeus que O perseguiam: “Vocês examinam as Escrituras, porque julgam ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de Mim. Contudo, vocês não querem vir a Mim para ter vida” (Jo 5:39, 40). Ou seja, aquelas pessoas buscavam o conhecimento cognitivo da Palavra de Deus, mas negligenciavam o conhecimento relacional com o Senhor da Palavra.

Essa mesma tendência foi uma realidade na primeira fase do movimento adventista. No entanto, a partir de 1890, Ellen White escreveu cinco livros que deram ênfase ao aspecto relacional com Deus: *Caminho a Cristo*, *O Desejado*

de *Todas as Nações, Parábolas de Jesus, O Maior Discurso de Cristo* e as cem primeiras páginas do livro *A Ciência do Bom Viver*. O conteúdo dessas obras foi importante para a denominação que havia se tornado mais legalista em sua abordagem.<sup>6</sup>

Um dos muitos textos de Ellen White exemplifica bem essa nova ênfase: “Faria muito bem para nós se diariamente passássemos uma hora refletindo sobre a vida de Cristo. Devemos considerá-la ponto por ponto e deixar que a imaginação tome conta de cada cena, especialmente as finais. Ao meditar assim em Seu grande sacrifício por nós, nossa confiança Nele será mais constante, nosso amor será fortalecido, e seremos mais semelhantes a Ele.”<sup>7</sup>

Diante dessa compreensão das duas dimensões do conhecimento, como podemos colocá-las em prática com maior efetividade? A resposta mais objetiva tem que ver com ações diretas e indiretas. As ações diretas são o que podemos fazer, tais como: leitura da Bíblia, vida de oração, frequência à igreja e envolvimento missionário. Já as ações indiretas são o perdão, a transformação e a capacitação, as quais só Deus pode realizar.

Entretanto, essas ações só se efetivam a partir de hábitos espirituais, os quais se dividem em dois grupos: hábitos de envolvimento e hábitos de desenvolvimento. Os de envolvimento são: 1) leitura da Bíblia; 2) meditação/reflexão; e 3) oração com adoração e louvor. Já os hábitos de desenvolvimento são: 1) solitude – ficar à sós com Deus; 2) quietude – desconectar-se das influências ao redor; e 3) permanência – passar tempo à sós com Deus.<sup>8</sup> Esses hábitos foram bem reais na vida de Cristo (Mc 1:35; Lc 6:12; 11:1). Vale lembrar também que Ele os recomendou a Seus discípulos (Mt 26:41; Mc 6:30-34; Lc 21:36; Jo 15:5).

Sem dúvida, “o segredo do êxito está na união do poder divino com o esforço humano”.<sup>9</sup> O Senhor deseja operar a transformação de que tanto precisamos, mas devemos fazer a nossa parte, mesmo sabendo que o milagre só pode ser realizado pelo Espírito Santo (Gl 5:16, 22, 23).

Que resultados podemos esperar quando alcançamos essas duas dimensões do conhecimento de Cristo e de Sua Palavra? É o que veremos a seguir.

## Resultados

Como vimos, o conhecimento intelectual da Bíblia, aliado ao conhecimento relacional de Cristo, promove a verdadeira transformação. Trata-se de uma mudança não apenas de crenças, comportamento e valores, mas de maneira de pensar, ver e sentir as coisas de Deus e das pessoas. É uma nova cosmovisão, um conhecimento completo que leva a uma mudança plena.

Nas bem-aventuranças e na parábola dos dois fundamentos, o Mestre tratou sobre a dimensão relacional do Seu reino. Esta deve ser uma experiência que flui naturalmente na vida de quem “edificou a sua casa sobre a rocha” (Mt 7:24) e se tornou “o bom perfume de Cristo” (2Co 2:15).

Ellen White ratificou esse ideal nas seguintes palavras: “A não estudada, inconsciente influência de uma vida santa é o mais convincente sermão que se pode pregar em favor do cristianismo. O argumento, mesmo quando irrefutável, pode não provocar senão oposição; mas um exemplo piedoso possui um poder a que é impossível resistir inteiramente.”<sup>10</sup>

Talvez o maior desafio da igreja ou do cristão individualmente seja alcançar o equilíbrio na busca desse conhecimento no processo do discipulado. Culturalmente, estamos mais acostumados a compartilhar o evangelho a partir dos conceitos, das doutrinas e das crenças fundamentais do que a partir de uma abordagem relacional.

No entanto, precisamos estar mais atentos, pois as pessoas não se convencem apenas pelo que ensinamos cognitivamente, por mais persuasivos que sejam nossos argumentos. Ou, como escreveu Ellen White: “Às vezes homens e mulheres sem estarem convertidos, se decidem em favor da verdade devido ao peso das provas apresentadas. A obra do ministro não está completa enquanto não fizer sentir a seus ouvintes a necessidade de uma transformação de coração.”<sup>11</sup>

A vida de Cristo era uma demonstração muito clara desse nível ideal de discipulado. Ele experimentava um íntimo relacionamento com o Pai, estudava as Escrituras e as ensinava coerentemente. Por isso, as pessoas se maravilhavam pelo que ouviam e viam em Sua vida prática.

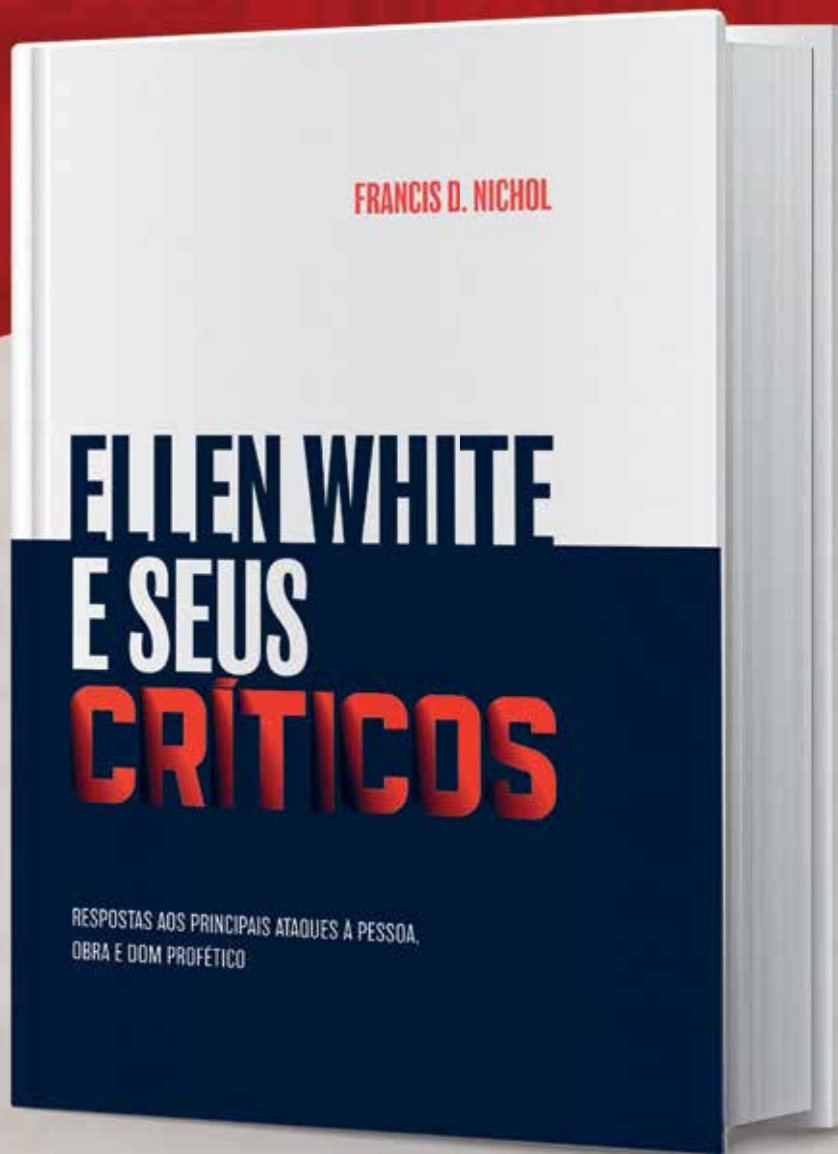
O apelo do apóstolo Paulo aos colossenses é também para nós hoje: “Portanto, assim como vocês receberam Cristo Jesus, o Senhor, continuem a viver Nele” (Cl 2:6). Essa é a raiz do discipulado. ■

## Referências:

- 1 Francis D. Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), v.7, p. 1111.
- 2 Paul Hiebert, *Transformando Cosmovisões* (São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 2016), p. 335.
- 3 Hiebert, *Transformando Cosmovisões*, p. 344.
- 4 Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 143, 144.
- 5 “Os Dois Lados do Cérebro: Lógica X Criatividade”, *Netscan Digital*, disponível em <blog.netscan-digital.com/artigos/os-dois-lados-do-cerebro/>, acesso em 9/10/2023.
- 6 Denis Fortin, *Growing Up in Christ: Ellen G. White's Concept of Discipleship* (Berrien Spring, MI: Journal of Adventist Mission Studies, Fall 2016), v. 12, p. 60.
- 7 Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 58.
- 8 Anotações da classe “Fundamentos Bíblicos e Teológicos para o Ministério”, com o professor Allan Washe. Matéria do Doutorado em Ministério, pela University Andrews, em 02 de julho de 2019.
- 9 Ellen G. White, *E Recebereis Poder* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999), p. 260.
- 10 Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 59.
- 11 White, *Obreiros Evangélicos*, p. 159.

# DEFESA DA FÉ

Respostas contundentes para críticas severas.



A vida e o ministério de Ellen White têm sido alvo de ataques desde o século 19 até nossos dias. Muitos se levantaram para combater sua mensagem, mas ninguém pôde anular o testemunho de uma vida dedicada à pregação do evangelho.


Nesta obra clássica, Francis D. Nichol, um dos maiores defensores da fé adventista, retoma as principais acusações feitas contra a mensageira de Deus e responde aos críticos com sólida fundamentação.

Em uma época de boatos e discussões rasas, esta obra traz ao leitor uma defesa da fé que conjuga honestidade intelectual, precisão histórica e compromisso com os fatos.

MKT CPB • Adobe Stock

[cpb.com.br](http://cpb.com.br) • 0800-9790606

CPB livraria •  (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor  (15) 3205-8910  
[atendimento@cpb.com.br](mailto:atendimento@cpb.com.br)



Baixe o  
Aplicativo CPB



    /cpbeditora



# DA GRAVATA AO TÊNIS

Um chamado para a  
 atividade física

O chamado ao ministério é um privilégio solene conferido por Deus ao ser humano. Exercer essa função e se manter fiel ao chamado requer a entrega total da mente, do coração e das forças do pastor em serviço a Deus e a seu rebanho. Entretanto, por mais digno que seja o trabalho pastoral, às vezes notamos que surgem desequilíbrios na vida daqueles que se tornaram pescadores de homens. A rotina e as exigências do trabalho pastoral tendem, muitas vezes, a torná-lo sedentário.

Isso não é culpa dele. A própria natureza do trabalho exige que o pastor passe horas e horas sentado, estudando, preparando sermões, criando estratégias evangelísticas, lidando com problemas administrativos, dando estudos bíblicos, escrevendo textos e reflexões. Por esse motivo, o pastor sofre muito desgaste mental e emocional.

Consequentemente, não é incomum ouvirmos falar de colegas que estão sofrendo de pressão alta, problemas cardíacos, colesterol alto, obesidade, fadiga crônica, *burnout*, problemas na coluna e câncer, apenas para mencionar os mais conhecidos. Infelizmente, a deterioração da saúde do pastor produz uma deterioração no seu ministério, e aquele pastor que começou seu ministério feliz, motivado, cheio de energia e de novas ideias, acaba se tornando um pastor cansado, insatisfeito, impaciente e fragilizado. A apatia toma o lugar da motivação, e a doença o lugar da força.

Por mais paradoxal que pareça, ter uma vida ocupada não significa necessariamente ter uma vida ativa. Como a maioria da população brasileira, muitos pastores não se exercitam o mínimo necessário. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, uma pessoa que pratica menos de 150 minutos de atividade física moderada ou 75 minutos de atividade física intensa por semana já é considerada sedentária.<sup>1</sup> Esse é um dos fatores que está levando 22% dos brasileiros à obesidade,

sendo que 55 a 60% já estão com sobrepeso.<sup>2</sup> Há quem diga que o sedentarismo é mais prejudicial que o consumo diário de cigarros!<sup>3</sup>

Infelizmente, muitos pastores tratam o exercício físico como um artigo de luxo, e não uma necessidade básica. Ellen White lamenta que “alguns de nossos pastores acham que precisam realizar cada dia qualquer trabalho que possam relatar para a Associação. E, conseqüentemente, seus esforços são muitas vezes débeis e ineficientes”. Ela afirma que, quando dedicamos tempo para realizar exercício físico “necessário para manter o organismo em bom funcionamento, vocês estão fazendo a obra de Deus da mesma forma que quando dirigem reuniões”.<sup>4</sup> Ela é categórica: “No que se refere à saúde, o exercício físico seria do maior valor para todos os nossos pastores.”<sup>5</sup>

## Tipos de exercício físico

Considerando essa necessidade, o pastor precisa identificar qual atividade física lhe é mais prazerosa e benéfica. Questões como ambiente, duração, idade, constituição física e companhia também devem ser consideradas na hora de escolher um exercício físico – uma atividade que possa ser adequada para um, talvez não o seja para outro.

Grosso modo, existem dois tipos de exercício físico: os “aeróbicos”, ou cardiovasculares; e os “anaeróbicos”, ou de força. Os exercícios aeróbicos são aqueles que usam o oxigênio como fonte de energia. Eles são praticados por um longo período, sem necessariamente exigir muita intensidade. Eles aumentam a frequência cardíaca e respiratória, melhoram a saúde do coração e dos pulmões, diminuem a pressão arterial, ajudam a construir resistência e aceleram o metabolismo. Exemplos desse tipo de exercício incluem corrida, pular corda, natação, ciclismo e uma caminhada rápida.

Por sua vez, os exercícios anaeróbicos são mais intensos e são praticados por um período mais curto. Eles exigem que o corpo use o carboidrato presente nas células para ter energia. Eles aumentam a massa muscular, que, por sua vez, aumenta a queima de calorias. Elas definem e tonificam os músculos, fortalecem os ossos e aumentam a força física. Exemplos desse tipo de exercício incluem musculação, pilates, flexões e abdominais.

## Benefícios

Praticar exercício físico proporciona benefícios que vão além da simples melhora do corpo e da saúde física. Tratando-se de benefícios específicos para o ministério, podemos dizer que o simples esforço diário de correr, nadar ou ir para a academia já fortalece a força de vontade do pastor, estabelece uma disciplina e o ajuda a criar uma rotina. É comum ouvir pastores reclamando da ausência de rotina. Os horários para acordar, comer, trabalhar e dormir podem às vezes se tornar caóticos. Criar o hábito de praticar um exercício físico todo dia, logo de manhã, por exemplo, pode ajudar a melhorar essa questão.

A atividade física também ajuda a saúde mental do pastor. Como o cérebro é um dos órgãos principais utilizados por ele em suas atividades ministeriais, é fundamental que esteja funcionando bem. O ex-presidente americano John F. Kennedy disse certa vez que “a boa forma física não é apenas uma das chaves mais importantes para um corpo saudável;

é a base de uma atividade intelectual dinâmica e criativa. Inteligência e habilidade só podem funcionar em seu auge quando o corpo está forte. Espíritos resilientes e mentes fortes normalmente habitam corpos saudáveis”.<sup>6</sup>

Devido ao alto nível de estresse, às oscilações emocionais e ao cronograma irregular ao qual um pastor é frequentemente submetido, regularmente ele poderá se sentir exausto ao fim de um dia de trabalho. Praticar exercício físico pode ajudar a melhorar sua resistência. Os músculos são fortalecidos, a circulação sanguínea é ativada, o corpo é regenerado e a tolerância do corpo a essas condições é desenvolvida. “Hábitos de estrita temperança no viver, ao lado do conveniente exercício, assegurariam vigor tanto físico quanto mental, dando capacidade de resistência a todos os obreiros que trabalham com o cérebro.”<sup>7</sup>

A atividade física também desempenha papel fundamental na redução dos níveis de estresse em indivíduos. Quando nos exercitamos, nosso corpo libera endorfinas, que são neurotransmissores conhecidos por promoverem a sensação de bem-estar e de alívio do estresse. Além disso, a prática regular de exercícios físicos reduz os níveis de cortisol, o hormônio do estresse.<sup>8</sup>

Outro benefício muito importante que a atividade física proporciona ao ministério do pastor é o testemunho silencioso que ele deixa em favor da temperança. Ao verem seu pastor se preocupando com a própria saúde física, os membros da igreja serão indiretamente estimulados a confiar no que ele prega e a seguir seu exemplo de vida. Eles identificarão uma coerência no que ele prega e vive. Muitos membros já relataram que começaram a praticar algum tipo de atividade física porque viam seu pastor correndo ou acompanhavam suas postagens nas redes sociais incentivando essa prática.

Não podemos nos esquecer de que um corpo que pratica exercício físico tem um repouso mais satisfatório e restaurador durante a noite. Aqueles que praticam exercício físico também tendem a beber mais água e a se preocupar mais com a qualidade e a quantidade de alimentos que ingerem. Todas essas questões proporcionam benefícios ao pastor durante o desempenho de suas funções.

Em resumo, a atividade física diária pode proporcionar um ministério mais eficaz. O pastor perceberá que, em questão de dias, sua resistência aumentará, ele terá menos fadiga e seus nervos estarão mais calmos diante das inúmeras situações de estresse. Ele terá mais disposição para trabalhar e notará que sua mente estará mais apta a realizar certas atividades que antes lhe causavam desânimo. Se nossa mente depende de um corpo que esteja ativo, não temos o “luxo” de viver uma vida sedentária. ■

## Referências

- <sup>1</sup> Juliana G. Martins de Lima, “Sedentarismo”, *Vida e Saúde* (abril de 2022), p. 22.
- <sup>2</sup> Pablo Wincler, “Exercício Físico”, *Vida e Saúde* (maio de 2022), p. 11.
- <sup>3</sup> Carolina Felix, “Prejuízos do Sedentarismo”, *Vida e Saúde* (janeiro de 2019), p. 9.
- <sup>4</sup> Ellen G. White, *Conselhos Sobre Saúde* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 564.
- <sup>5</sup> Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 354.
- <sup>6</sup> John F. Kennedy, “The Soft American”, *Sports Illustrated* (26 de dezembro de 1960).
- <sup>7</sup> Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 143.
- <sup>8</sup> “Exercising to Relax”, *Harvard Health Publishing* (7 de julho de 2020), disponível em <www.health.harvard.edu/staying-healthy/exercising-to-relax>, acesso em 18/12/2023.





# O MISTÉRIO DO TRONO CELESTIAL

Quem está no centro do Universo e por que Ele merece nossa adoração

Poucos seres humanos tiveram o privilégio de ter uma visão do trono de Deus. Entre eles, destacam-se os profetas Isaías (Is 6), Ezequiel (Ez 1; 10) e o apóstolo João (Ap 4, 5). De maneiras diferentes e complementares, eles pintam quadros magníficos do esplendor do ambiente celestial.

No caso do Apocalipse, essa visão é fundamental para entender a mensagem do livro. Ela serve como âncora. Para Ranko Stefanovic, “parece que os capítulos 4 e 5 consistem na seção crucial do livro inteiro”, pois “preparam o palco para o que vem em seguida”.<sup>1</sup> Segundo Ellen White, o capítulo 5 “precisa ser mais profundamente estudado”, pois é muito importante para os que participam “da obra de Deus nestes últimos dias”.<sup>2</sup> Esse destaque ocorre em especial por causa do livro selado e seus desdobramentos.

Na história da interpretação adventista, muitas vezes o papel do estudo desses capítulos se resume ao debate a respeito do momento do conflito cósmico retratado nessa visão. Porém, há muito mais no texto do que esse aspecto cronológico.

## O cenário da liturgia

Para começar, João olhou e viu “uma porta aberta no céu” (Ap 4:1). Portas são pontos de entrada e saída, incluindo ou excluindo pessoas. Aqui, por assim dizer, a porta estava aberta para a humanidade, representada por João. Há um “contraste provocativo”: o ciclo visionário anterior termina com Jesus batendo à porta e aguardando o leitor abri-la (Ap 3:20); agora, antes da resposta, o novo ciclo se inicia com Jesus já tendo aberto a porta do Céu.<sup>3</sup> Deus não é o Deus das portas fechadas, mas das portas abertas, embora a porta possa se fechar um dia.

Além de ser uma porta para um espaço diferente, era também uma porta para o tempo, pois a Voz convidou: “Suba até aqui, e Eu lhe mostrarei o que deve acontecer depois destas coisas” (Ap 4:1). Posicionado na sala do trono, João tinha uma perspectiva privilegiada para ver o que estava se passando na Terra e discernir a silhueta dos eventos futuros.

Certamente tomado de admiração, o vidente contempla “um trono armado no Céu” (Ap 4:2). Em termos espaciais, o centro do Apocalipse não é Jerusalém, com seu templo em ruínas, nem Roma, com seus centros de adoração. O centro do “mapa cósmico” que João vê e retrata na paisagem apocalíptica é o trono de Deus no Céu.<sup>4</sup>

No Apocalipse, o termo “trono”, símbolo de autoridade, poder e atividade real/jurídica, tem um papel central. Ele aparece 47 vezes em 17 dos 22 capítulos do livro em pontos estratégicos da sua estrutura literária (em referência a Deus, ao Cordeiro e a Seus aliados ou adversários). Desse total, 76,6% (36 vezes)

se referem ao trono de Deus.<sup>5</sup>

João não diz que viu Deus; ele preferiu usar o circunlóquio “Aquele que estava sentado sobre o trono”. Porém, a descrição não deixa dúvida: “E esse que estava sentado era semelhante, no aspecto, à pedra de jaspe e ao sardônio, e ao redor do trono havia um arco-íris semelhante, no aspecto, à esmeralda” (v. 3).

A glória de Deus é tão grande que somente dá para ser descrita em termos de semelhança. O jaspe, pedra mais preciosa da antiguidade e cujo nome (*jasper*) era aplicado a uma variedade de gemas, pode ter coloração de vermelho, amarelo, verde, branco ou púrpura,

entre outras variações. O sardônio (rubi em algumas versões) também era uma pedra muito valiosa e tem cor vermelha ou marrom-avermelhada. Essas pedras possuem um brilho magnífico, e o “mar de vidro” (v. 6), uma espécie de espelho cintilante como cristal, refletia a glória indescritível de Deus e as cores de todo o cenário.

Alguns interpretam o “arco” como sendo o sinal da aliança com Noé depois do dilúvio (Gn 9:12-17). No entanto, a palavra usada no Apocalipse (*iris*) não é o termo usual no tempo de João para traduzir “arco-íris”, que é o arco (*toxon*) de Deus. Além do mais, o arco descrito no Apocalipse é de uma única cor (esmeralda, uma pedra esverdeada), e não multicolorido como o arco-íris.<sup>6</sup>

Ao redor do trono de Deus, perto ou longe, João viu quatro grupos: 24 anciãos e quatro seres vivos, mencionados em Apocalipse 4, e miríades de anjos e o restante da criação, mencionados em Apocalipse 5. Quem são eles?

A identidade dos 24 anciãos tem sido objeto de especulação e debate, com quatro principais hipóteses: (1) representantes de uma ordem angélica chamada “tronos” (cf. Cl 1:16; *Testamento de Levi* 3.8); (2) símbolos dos 12 patriarcas de Israel e os 12 apóstolos de Cristo; (3) precursores ressuscitados dos salvos, uma vez que suas vestes e coroas lembram os trajes usados pelos redimidos; e (4) um “arquétipo celestial para as 24 ordens dos sacerdotes e levitas no templo terrestre” (1Cr 24:1-19; 25:9-31). Embora as interpretações 2 e 3 sejam mais comuns no meio adventista, não deveríamos descartar a hipótese 3, pois a visão ocorre no contexto do templo celestial, que serviu de modelo e paradigma para o santuário terrestre.

Os quatro seres alados, lembrando algumas características dos serafins de Isaías 6:2, 3 e dos seres viventes de Ezequiel 1:5-11, certa-

mente não simbolizam os quatro evangelhos, como vários teólogos antigos ensinaram. Essas figuras semelhantes a leão, boi, homem e águia parecem ser representantes de toda a criação. É bom lembrar que o próprio ser humano foi criado como ícone-imagem do Criador (Gn 1:26, 27). Em certo sentido, a Terra é um tipo/reflexo do Céu. Essas quatro criaturas, que têm o privilégio de estar no círculo concêntrico mais próximo do trono, desempenham uma espécie de papel litúrgico, como se fossem regentes da adoração ao Criador no Universo. Elas ditam o ritmo do louvor, que nunca cessa.

Por sua vez, as sete lâmpadas ou “tochas de fogo, que são os sete espíritos [*pneumata*] de Deus” (Ap 4:5), têm sido interpretadas como símbolos da plenitude do Espírito Santo (cf. 1:4). Essa é uma possibilidade. Porém, considerando que João usa o singular *pneuma* para se referir ao Espírito Santo,<sup>8</sup> ele poderia estar se referindo aqui a anjos, que também são “espíritos” (Sl 104:4; Hb 1:7). Em Apocalipse 8:2, o autor menciona os “os sete anjos que estão em pé diante de Deus”. A literatura judaica não bíblica também menciona um grupo de sete anjos que servem na presença de Deus.<sup>9</sup>

Após descrever o cenário e apresentar os personagens, João encerra o capítulo 4 com dois louvores que exaltam a santidade, o poder e a eternidade de Deus, bem como Sua



**Cristo dirige o mundo para o fim desejado por Deus e descortina para Seu povo os eventos de salvação e julgamento.**



dignidade para receber todas as honras por ser o Criador. Num mundo instável, a adoração a Deus serve de âncora para a história e a existência. Por isso, a soberania divina sobre o tempo e a história faz parte do motivo do louvor.

A linguagem de ser “digno” (*axios*) de receber louvor (Ap 4:11) não é comum nos hinos da Bíblia Hebraica, mas fazia parte do repertório político-imperial no contexto helenístico-romano para exaltar um deus, o imperador ou um benfeitor.<sup>10</sup> O governante “digno” era aquele cuja autoridade era legítima e cujos feitos em favor do povo correspondiam a seu poder.

Aqui vale destacar que o Apocalipse apresenta três tipos de “vozes” que são ouvidas “dia e noite”, ou seja, sem cessar: *vozes de proclamação* (4:8), *vozes de aclamação* (4:9-11) e *voz de acusação* (12:10).<sup>11</sup> Essas vozes revelam quem é quem e de que lado cada um está.

### **O Cordeiro e o livro selado**

No capítulo 5, a cena muda o foco e acrescenta dois elementos: o livro/rolo (*biblion*) selado e o Cordeiro (*arnion*). O anjo busca alguém digno de quebrar os selos, mas não havia ninguém em todo o Universo digno de abrir o livro, nem de olhar para ele, o que faz João chorar muito (Ap 5:2-4), pois ele reconhece as implicações cósmicas do livro. Abrir aqui não significa simplesmente revelar o conteúdo, satisfazendo uma curiosidade, mas ter o poder de interferir no rumo da história.

Então o vidente contempla, no meio do trono, em pé, “um Cordeiro que parecia que tinha sido morto”, com sete chifres e sete olhos (v. 6). Essa é a primeira das 29 menções ao “Cordeiro” no Apocalipse. Há um significativo contraste entre o que João *ouve* (a referência ao Leão) e o que ele *vê* (um Cordeiro). “Isso constitui a surpresa mais dramática da visão: João ouve a respeito do vitorioso Leão real, mas, quando ele vira para olhar, vê um Cordeiro sacrificado.”<sup>12</sup>

Embora muito vivo, o Cordeiro estampa alguma marca do sacrifício. Isso indica que ele “venceu” (v. 5) pelo sofrimento e o sangue derramado, não pelo poder puro e simples. Com “sete chifres” e “sete olhos” (v. 6; cf. Zc 4:10), símbolos de poder e conhecimento, identificados por João como “os sete espíritos de Deus enviados por toda a Terra”, o Cordeiro tem onipotência, onisciência e onipresença.

Por reverter a história com Sua morte, ressurreição e exaltação ao trono divino, o Cordeiro Se revela digno de fazer o que ninguém mais poderia fazer: pegar o rolo e abri-lo. Se a “lente” grande ocular do capítulo 4 revela a posição de Deus como Criador do Universo, a teleobjetiva do capítulo 5 aproxima o foco e mostra a identidade e o papel de Cristo como Redentor da humanidade.

No capítulo 5, prossegue a ênfase na soberania divina. A palavra *thronos* é mencionada cinco vezes (v. 1, 6, 7, 11, 13). Assim como em outras partes do Apocalipse, o Cristo glorificado Se assenta no próprio trono de Deus (Ap 3:21; 5:6; 7:17; 22:1, 3), o que indica uma alta cristologia e é um argumento visual, retórico e teológico contra as pretensões imperiais e, acima de tudo, satânicas. O Cordeiro é divino, o dragão não é. Vale mencionar que a noção de um trono duplo, ou dual (*bisellium*) destinado a duas pessoas, com outros tronos menores em volta, era bem conhecida na antiguidade.<sup>13</sup>

A história é tão intensa, tão cheia de eventos decisivos, que o rolo está escrito dos dois lados, um tipo de rolo incomum cujo nome técnico é *opisthograph*. Dentre as tentativas que já foram apresentadas para identificar o rolo (livro da aliança, livro da vida, livro das ações, documento legal indicando autoridade sobre a criação), a opção mais sólida é a de que ele seria o livro do destino, incluindo o poder de salvar, julgar e dirigir os eventos da Terra.

J. Daryl Charles, que adota essa interpretação, comenta: “O rolo de Apocalipse 5 representa, em essência, o livro do destino. De acordo com as estipulações romanas, o selamento de um testamento era feito na presença de sete testemunhas.”<sup>14</sup> Não devemos entender “destino” como um ato arbitrário de Deus, mas o desenrolar da história de acordo com o Seu propósito.

Sigve Tonstad critica essa opção por ser muito genérica. Além disso, ele argumenta que o processo de quebrar os selos não tem sentido a menos que esteja relacionado ao conteúdo do próprio livro, o que ocorre na abertura dos selos nos capítulos 6 e 8. Assim, ele sugere que se trata de um “Livro da Revelação” e que seu conteúdo também o qualifica como o “Livro da Realidade”, mostrando não somente como as coisas são, mas como deveriam ser.<sup>15</sup> Porém, o “livro do destino” pode ser usado basicamente no mesmo sentido de livro da realidade ou livro da história, em que Cristo dirige o mundo para o fim desejado por Deus e descortina para Seu povo os eventos de salvação e julgamento.

Na segunda metade do capítulo (Ap 5:8-14), encontramos cinco doxologias exaltando o Cordeiro por redimir a humanidade (v. 9). Esses hinos em estilo antifonal vão num crescendo até que todas as criaturas se envolvem na adoração (v. 13). Como o numeral grego “miríade” equivalia a 10.000, João impressiona o leitor com um número incontável de anjos cantores (10.000 x 10.000 = 100.000.000; 1.000 x 1.000 = 1.000.000). Esse louvor

não é caracterizado como sem cessar, mas como “novo” (v. 9), no sentido de ser diferente de tudo já visto. Esse caráter de “novo” reflete a percepção de que algo extraordinário aconteceu e merece um novo louvor.

Os hinos, que partem do templo no Céu, não são simples interlúdios musicais para alegrar um momento, mas explosões reverentes de adoração e declarações teológicas com reverberações cósmicas. Eles sintetizam a teologia do Apocalipse, destacando a justa vitória de Deus no conflito cósmico e o que deve ser celebrado para sempre.

### O momento da cena

Por fim, precisamos definir quando ocorrem os eventos descritos na visão. Alguns teólogos adventistas defendem que a visão retrata o início do julgamento em 1844, em consonância com Daniel 7:9-14 e 8:13, 14.<sup>16</sup> Outros argumentam que se trata da entronização de Jesus ao ascender ao Céu, após Sua ressurreição.<sup>17</sup> Tonstad sugere um momento de crise ainda anterior: “A entrada de João na corte celestial ocorre no ponto em que o conselho está buscando uma solução para a rebelião de Satanás.”<sup>18</sup>

A primeira interpretação tem mérito por estabelecer uma ligação com a visão de Daniel 7, incluindo vários paralelos evidentes, como tronos, seres celestiais e livros. Pela contagem de Gregory K. Beale, a visão de Apocalipse 4 e 5 repete 14 elementos de Daniel 7, “na mesma ordem básica”.<sup>19</sup> Porém, enquanto em Daniel é instalada uma sessão do tribunal para o julgamento do arrogante chifre pequeno, em Apocalipse 5 o objetivo é abrir o livro da história e revelar as ações de Deus e do inimigo ao longo do tempo. Já a interpretação de Tonstad parece desconectada do fato de que, a essa altura, o Cordeiro havia sido morto. Portanto, a interpretação sobre o momento da entronização parece ser a mais viável e a mais aceita pelos teólogos adventistas hoje.

Para Ranko Stefanovic, o primeiro argumento em favor do ponto de vista da entronização de Cristo, que ocorreu por ocasião do

Pentecostes, é Apocalipse 3:21, uma “passagem-trampolim” que conclui a seção anterior falando sobre trono e deve ser tomada como “ponto de partida” para as cenas de tronos dos capítulos 4 e 5. Além disso, ele acrescenta, “o contexto e a linguagem” desses capítulos têm semelhanças com as referências proféticas ao futuro rei davídico.<sup>20</sup>

Entre outros argumentos para defender essa mesma posição, Norman Gulley destaca que “não há linguagem de julgamento ou cenário de julgamento” nos capítulos 4 e 5 e “não há menção de *naos* (lugar santíssimo) ou *kibotos* (arca da aliança) até mais tarde em Apocalipse”. Por isso, “parece que Apocalipse 4 e 5 é o empossamento de Cristo como Rei/Sacerdote corregente no trono do Pai”.<sup>21</sup> Sendo assim, Apocalipse 4 e 5 retratam Deus no lugar mais alto do Universo e descrevem a entronização do Cristo vitorioso e glorificado numa cerimônia que marca um estágio decisivo na história da salvação.

O rompimento dos selos pelo Cordeiro, nos capítulos 6 e 8, é pontuado pela palavra “Venha!”, desencadeando fenômenos extraordinários no mundo, até que o próprio Cristo finalmente vem e completa a reescrita da história. No último selo, marcado por silêncio no Céu, outro anjo atira o incensário com fogo na Terra, provocando “trovões, vozes, relâmpagos e terremoto” (Ap 8:5). Diante desse cenário futuro, o melhor é aproveitar a porta aberta hoje e buscar refúgio perto do trono de Deus e do Cordeiro. ■

### Referências

- 1 Ranko Stefanovic, *Revelação de Jesus Cristo: Comentário Sobre o Livro do Apocalipse* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p.173.
- 2 Ellen G. White, *Testemunhas Para a Igreja*, 2ª ed. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p.208.
- 3 Craig R. Koester, *Revelation: A New Translation with Introduction and Commentary* (New Haven: Yale University Press, 2014), p. 366, 367.
- 4 David A. deSilva, *Discovering Revelation: Content, Interpretation, Reception* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2021), p. 89.
- 5 Laszlo Gallusz, “Thrones in the Book of Revelation, Part 1: Throne of God”, *Journal of the Adventist Theological Society* 23 (2012), p. 30-71. Cf. Laszlo Gallusz, *The Throne Motif in the Book of Revelation* (Londres: T&T Clark, 2015).
- 6 deSilva, *Discovering Revelation*, p.92.
- 7 deSilva, *Discovering Revelation*, p.94
- 8 Cf. Ap 2:7, 11, 17, 29; 3:6, 13, 22; 14:13; 22:17.
- 9 *Testamento de Levi* 3:4-6; *1 Enoque* 20:1-8; *Tobias* 12:15.
- 10 Russell Morton, “Glory to God and to the Lamb: John’s Use of Jewish and Hellenistic/Roman Themes in Formatting his Theology in Revelation 4–5”, *Journal for the Study of the New Testament* 83 (2001), p. 99.
- 11 Sigve K. Tonstad, *Revelation* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2019), p. 108, 109.
- 12 Buist M. Fanning, *Revelation* (Grand Rapids, MI: Zondervan Academic, 2020), p. 218.
- 13 Darrell D. Hannah, “The Throne of His Glory: The Divine Throne and Heavenly Mediators in Revelation and the Similitudes of Enoch”, *Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft* 94 (2003), p. 68-96.
- 14 J. Daryl Charles, “Imperial Pretensions and the Throne-Vision of the Lamb: Observations on the Function of Revelation 5”, *Criswell Theological Review* 7 (1993), p. 89.
- 15 Tonstad, *Revelation*, p.119, 120.
- 16 R. Dean Davis, *The Heavenly Court Judgment of Revelation 4–5* (Lanham, MD: University Press of America, 1992); e Alberto R. Treiery, *The Day of Atonement and the Heavenly Judgment: From the Pentateuch to Revelation* (Siloam Springs, AR: Creation Enterprises International, 1992).
- 17 Richard M. Davidson, “Sanctuary Typology”, em *Symposium on Revelation – Book 1*, ed. Frank B. Holbrook (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992), p. 112-126.
- 18 Tonstad, *Revelation*, p.112.
- 19 Gregory K. Beale, *The Book of Revelation* (Grand Rapids, MI: Eerdmans; Carlisle, Inglaterra: Paternoster, 1999), p. 315.
- 20 Acompanhe todo o argumento do autor em Stefanovic, *Revelação de Jesus Cristo*, p.173-190.
- 21 Norman R. Gulley, “Revelation 4 and 5: Judgment or Inauguration?”, *Journal of the Adventist Theological Society* 8 (1997), p. 79.





# CASAMENTO É LAVA-PÉS COMBINAM?

Como celebrar um casamento  
para a glória de Deus

O casamento foi instituído por Deus no jardim do Éden, na sexta-feira da semana da criação. Trata-se de uma das cerimônias mais felizes que acontecem em uma igreja. Os que se casam não assinam um contrato social do qual podem ser convenientemente liberados quando assim desejarem. Eles assinam um pacto para a vida. Foi por isso que Jesus enfatizou que a união matrimonial é indissolúvel (Mt 19:6). A forma como nós pastores celebramos essa cerimônia deve testificar esse vínculo perene e sagrado.

A Bíblia ensina que a união entre um homem e uma mulher é um reflexo da unidade entre Deus e Seu povo (Jr 3:14; Ez 16:8; Os 2:18-20), entre Cristo e Sua igreja (Ef 5:22; 2Co 11:2). Na Igreja Adventista, as cerimônias devem refletir os princípios bíblicos de adoração e pureza, além de manter os legítimos conceitos teológicos de uma liturgia centralizada em Deus, não no ser humano. Portanto, se uma cerimônia de casamento for realizada com esses propósitos, certamente glorificará a Deus.

A cerimônia nupcial precisa seguir os procedimentos fundamentais que estão em conformidade com as crenças da igreja.<sup>1</sup> Se os noivos desejam receber as bênçãos divinas na cerimônia, eles devem, além de observar os procedimentos, obedecer às orientações da Palavra de Deus. É com base nessas orientações que irei relacionar aqui quatro ações pastorais que podem ajudar os noivos a organizar uma cerimônia de casamento na qual Deus ocupe o primeiro lugar.

## Dialogar

Procure os noivos para aconselhar e conversar sobre alguns pontos relevantes. Lembre-se de que eles devem fazer o Curso de Noivos e que a comissão da igreja à qual pertencem precisa aprovar o casamento. A Palavra de Deus diz que é na multidão de conselhos que há segurança (Pv 11:14). O pastor, como representante do Senhor, tem o dever de orientar os noivos acerca dos procedimentos em relação à cerimônia de casamento, e é essencial que ele aborde os seguintes assuntos:

*Casamento civil.* Certifique-se de que os noivos tenham tomado providências com antecedência e, se optaram pelo casamento religioso com efeito civil, confirme se eles possuem conhecimento do procedimento legal.<sup>2</sup> O cartório é responsável por conceder, em prazo hábil, o certificado de habilitação. Ressalte que eles terão um prazo, após a cerimônia, para protocolar no cartório o Termo Religioso com Efeito Civil, com a assinatura do pastor devidamente reconhecida, para que recebam posteriormente a certidão de casamento. A data, o horário e o local da cerimônia religiosa também devem ser informados ao cartório. Embora essa forma seja a mais usada atualmente, sugiro que, se possível, aconselhe os noivos a optar pelo casamento civil tradicional, ainda que haja custos adicionais do serviço cartorial, pois, em minha percepção, essa forma garante que todos os requisitos necessários à realização da cerimônia religiosa sejam cumpridos antecipadamente, proporcionando maior segurança ao pastor oficiante.

*Roupas.* Informe aos noivos e participantes que o traje utilizado na cerimônia deve estar em conformidade com a modéstia cristã e que isso também irá glorificar a Deus. Com prudência, respeito e sinceridade fale aos noivos o que a Bíblia e o Espírito de Profecia ensinam sobre essa virtude cristã. “A roupa não é apenas um abrigo para preservar o corpo (no aspecto físico e moral); ela demonstra também o gosto, o estado de espírito e os valores. Independentemente da moda, o importante é que a roupa do cristão jamais transmita a impressão de vaidade, ostentação e extravagância. Essas obras da carne não combinam com o desejo de exaltar a Deus.”<sup>3</sup> O pastor tem a prerrogativa de zelar pelos princípios da igreja e, como oficiante do casamento, é o responsável em manter os padrões espirituais da cerimônia religiosa no ambiente eclesial. Então, é absolutamente legítimo tratar com os noivos sobre esse assunto.

*Repertório musical.* Todas as músicas devem ser apropriadas para o lugar e a ocasião. Danças e músicas seculares devem ser rejeitadas. Isso deve ser previamente acertado pelo pastor. Os noivos têm o direito de escolher o repertório, mas é atribuição do pastor manter o critério estabelecido pela igreja de que essas músicas devem ser sacras e devem fazer parte da adoração durante o evento. Nossa igreja também recomenda que os cantores e músicos sejam membros em situação de plena comunhão com a igreja. Em uma cerimônia de casamento realizada na igreja, “a glória de Deus deve ser sempre a primeira preocupação”.<sup>4</sup>

*Dia, horário e pontualidade.* Comigo nunca aconteceu de os noivos solicitarem que seu casamento fosse realizado no dia de sábado, mas

se ocorresse, eu explicaria que os adventistas não realizam cerimônias de casamento no dia sagrado e separado para a adoração a Deus (Gn 2:1-3). Do “período que vai do início da manhã do domingo até ao meio-dia da sexta-feira”,<sup>5</sup> os noivos podem ter o seu enlace. Então, recomende os melhores horários de acordo com o dia que eles escolherem e deixe estabelecido por escrito e assinado um termo de pontualidade para a realização da cerimônia. Isso poderá evitar uma situação semelhante à de um casamento que celebri, no qual a noiva demorou duas horas e meia para chegar ao local da cerimônia. Diante do enorme atraso, não tive como pregar o sermão, e as circunstâncias me obrigaram a fazer apenas a oração de consagração (bênção) para o casal. A cerimônia foi consideravelmente afetada pela falta de pontualidade.

## Ideias novas

Avalie se as inovações pretendidas comprometerão ou não a solenidade da cerimônia. Servimos a um Deus que aprecia fazer coisas novas (Is 43:19; Ap 21:5), mas também preza pela sensatez e o equilíbrio (Pv 3:21-24). Sei que dar asas à imaginação pode ser muito criativo para um evento de casamento, como também pode ser bastante arriscado. Uma inovação extravagante ou engraçada pode causar uma impressão negativa e trazer problemas tanto para o pastor oficiante, quanto para os noivos, familiares e convidados. Com a ascensão das redes sociais, as inovações em cerimônias e festas de casamentos têm aumentado e acabam servindo de apelo para muitos casais. Pessoalmente não vejo problema em inovar, mas sugiro que o pastor avalie antes e com bastante critério a “criatividade” dos noivos.

Algumas vezes, uma ideia nova pode ser interessante e agregar valor à programação, como no exemplo dos noivos que, antes de trocar as alianças e fazer o voto matrimonial, convidaram seus pais ao altar para lhes agradecer e dizer que o exemplo deles era

um padrão que desejavam ter no casamento. Esse gesto criativo foi bastante emotivo para os participantes. Por outro lado, inovações que prejudicam a solenidade da cerimônia se transformam em uma dor de cabeça, como aconteceu com a noiva que teve a ideia infeliz de dizer “não” de brincadeira quando o juiz lhe perguntou se aceitava se casar com o noivo “de livre e espontânea vontade”. O celebrante da cerimônia civil cancelou o casamento dela.<sup>6</sup> Atitudes assim prejudicam a solenidade de um casamento realizado na igreja. Ellen White considerou “impróprio ver a cerimônia de casamento associada com risos, algazarra e um pretexto para coisas desse tipo”. Para ela, “o casamento é uma ordenação de Deus, e deve ser olhado com a maior solenidade”.<sup>7</sup>

### Mix de cerimônias

Para uma igreja mergulhada em confusão e desordem, como a igreja de Corinto, Deus deu a seguinte orientação: “Tudo, porém, seja feito com decência e ordem” (1Co 14:40). Se esse princípio for usado para as cerimônias de casamento, a fusão de rituais será rejeitada. Os noivos podem até encontrar um bom motivo para a mistura de cerimônias no casamento, mas ela não é apropriada do ponto de vista doutrinário e teológico. Ultimamente, por exemplo, tornou-se comum inserir a Cerimônia da Comunhão e/ou Lava-pés na programação de casamento. Mas, onde encontramos amparo para esta prática em nossa teologia ou em nosso conjunto de doutrinas? Não existe.

Certa ocasião ouvi um noivo argumentar que a Cerimônia de Comunhão traz uma forte imagem do casamento entre Cristo e Sua igreja. A comparação pode até ser bonita, mas não é a interpretação correta do significado da Ceia do Senhor. A questão crucial aqui é a caracterização das cerimônias, cujos propósitos são diferentes e a mistura pode deturpar seus reais significados. No caso da Cerimônia de Comunhão, o significado espiritual dos emblemas do corpo e do sangue de Cristo não coincide com os do matrimônio. O propósito

da Ceia do Senhor é celebrar “simbolicamente a vida, morte e ressurreição de Cristo, e também antecipar Sua vinda em glória” (Mt 24:30).<sup>8</sup> Quanto a essa cerimônia, “a igreja pratica a comunhão aberta. Todos os que entregaram a vida ao Salvador podem participar”,<sup>9</sup> o que não ocorre quando ela é realizada junto com a cerimônia de casamento, pois somente os noivos participam. Além disso, a cerimônia de Lava-pés está ligada à Ceia do Senhor e seus emblemas (pão e suco sem fermento) e tem um caráter de contrição, exame de consciência, arrependimento e confissão – aspectos que não combinam com uma cerimônia de casamento. Portanto essa mistura não tem sentido e não contribui para uma adoração que glorifica a Deus.

### Atribuir valor

É muito significativo que Cristo tenha realizado Seu primeiro milagre em uma celebração de casamento (Jo 2:1-11), fazendo dessa instituição “um instrumento de bênção e elevação da humanidade”.<sup>10</sup> O que Deus instituiu não se desvaloriza. Mas em nossa cultura pós-moderna, o casamento está sendo questionado na sua forma original e submetido a uma gama de formatações diferentes. Muitos não o consideram mais um concerto vitalício, monogâmico e heterossexual. Há um grande incentivo para as partes se divorciarem quando o casamento enfrenta dificuldades, e o pior é que essa cultura tem sido assimilada por muitos crentes que, teoricamente, conhecem os princípios bíblicos do matrimônio. Então, uma cerimônia de casamento na igreja destaca o valor divino do matrimônio e a felicidade indescritível que ele proporciona ao ser humano. O pastor deve levar os noivos a refletir sobre isso.

Quando Adão despertou do sono, sentiu-se o homem mais feliz da Terra; e Eva, por sua vez, teve a certeza de sua valorização como esposa. O ato divino de unir homem e mulher por meio do matrimônio legitimou a primeira cerimônia de casamento na Terra e estabeleceu sua sacralidade (Gn 2:18, 31-25). Os anjos testemunharam aquele casamento magnífico. Pureza, modéstia e temperança cercaram o primeiro casal no altar de Deus. Esse é um modelo perfeito para os casais que planejam realizar a cerimônia nupcial na igreja com o propósito de glorificar o Criador. ■

### Referências

<sup>1</sup> Marcos Bomfim, “Você Vai se Casar?”, *Blog Ministério da Família*, disponível em <adventistas.org/pt/familia/voce-vai-se-casar/>, acesso em 18/10/2023.

<sup>2</sup> Veja o que diz a legislação brasileira sobre o Casamento Religioso com Efeito Civil em <link.cpb.com.br/377088>, acesso em 18/10/2023.

<sup>3</sup> Fernando Dias, “A Última Moda”, *Revista Adventista*, disponível em <link.cpb.com.br/55764a>, acesso em 17/08/2023.

<sup>4</sup> Ellen G. White, *O Lar Adventista*, (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 78.

<sup>5</sup> Bomfim, “Você Vai se Casar?”, *Blog Ministério da Família*.

<sup>6</sup> Vittoria Alves, “Noiva Faz Brincadeira na Hora de Dizer ‘Sim’ no Casamento, e Juiz de Paz Cancela Cerimônia”, *O Globo*, disponível em <link.cpb.com.br/2a3939>, acesso em 18/10/2023.

<sup>7</sup> Ellen G. White, *Conselhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010), p. 129.

<sup>8</sup> Miguel Luna, “Remember the Lord’s Supper”, *Adventist Review* (2012), disponível em <link.cpb.com.br/388a2f>, acesso em 18/08/2023.

<sup>9</sup> Ranieri Sales (trad.), *Manual da Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 137.

<sup>10</sup> White, *O Lar Adventista*, p. 77.



**Kevin McDonald**  
é pastor de igreja na  
Carolina do Norte, EUA.



# SUPERANDO MÁGOAS

**Eu era cristão havia seis meses e mal podia esperar para passar o resto da minha vida servindo a Cristo.** Após muitas horas em oração, longas conversas com minha esposa e avaliação da longa jornada até a ordenação, eu estava pronto para aceitar o chamado de Deus ao ministério. Conversando por telefone com um pastor a quem eu respeitava muito, decidi lhe contar sobre nossa decisão. Silêncio.

“Você está aí?” eu perguntei.

Ele finalmente respondeu: “Kevin, Deus não está chamando você para o ministério. Eu não acho que Deus deu a você os dons necessários para ser um pastor.”

Fiquei profundamente magoado. Por dias, meses e até anos, lutei com o que esse pastor me disse.

Pastores podem ser feridos por causa de fofocas, negligência, traição e de outras maneiras. Acredito que a maioria de nós pastores já foi ferida em algum momento da vida por membros ou líderes de nossas congregações, mesmo que não gostemos de admiti-lo. Em alguns casos, pode levar anos para nos recuperarmos dessa dor, se a recuperação acontecer.

O que fazer quando sofremos uma dor infligida por alguém na igreja? Aqui estão alguns passos que descobri serem úteis na minha vida e que podem ajudar você.

**1** *Ore primeiro.* Lembre-se de que a igreja nem sempre imita bem a Cristo. Quando somos machucados pela igreja, devemos sempre ir à fonte do amor: o próprio Deus. Dedique tempo seguindo as instruções de 1 Pedro 5:7: “Lancem sobre Ele todas as suas ansiedades, porque Ele cuida de vocês.”

**2** *Confronte o ofensor.* Mateus 18:15 orienta: “Se o seu irmão pecar contra você, vá e repreenda-o em particular.” Muitos desentendimentos podem ser resolvidos abordando a pessoa que machucou você. Às vezes, a pessoa nem sabe que fez isso. Um homem sábio me disse certa vez: “A única coisa pior do que confrontar a pessoa é o que poderia acontecer se não a confrontássemos.”

**3** *Perdoe.* Tive que aprender a perdoar um dia de cada vez. Por exemplo, eu acordava na segunda-feira e perdoava, mas quando a terça-feira chegava, eu ainda estava lutando com a dor. Tive que perdoar dia após dia até ter perdoado completamente o erro. Mateus 6:15 diz: “Se, porém, não perdoarem aos outros as ofensas deles, também o Pai de vocês não perdoará as ofensas de vocês.”

**4** *Confidencie para um amigo fiel.* Se a situação não for resolvida, então conte para um amigo de confiança. Ele pode precisar ir com você resolver o problema, como aconselha Mateus 18:16: “Mas, se não ouvir, leve ainda com você

uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda questão seja decidida.”

**5** *Resolva seu passado.* Quando lidamos com a dor que outros nos causaram, muitas vezes somos lembrados da necessidade de lidar com a dor que causamos a eles. Mateus 7:5 diz: “Hipócrita! Tire primeiro a trave do seu olho e então você verá claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão.” A dor que me foi causada me permitiu ver maneiras pelas quais eu causei dor aos outros, e eu entendi que precisava pedir perdão.

**6** *Aja sempre com amor.* Já que fui machucado por alguns na igreja, estou comprometido em ajudar a igreja a ser mais amorosa. Quero ser um exemplo de 1 Coríntios 13:4, que afirma: “O amor é paciente e bondoso. O amor não arde em ciúmes, não se envaidece, não é orgulhoso.” Preciso agir com amor completo daqui para frente para multiplicar a cura que recebi.

**7** *Repita o processo.* Se você já foi machucado pela igreja, lembre-se de que é possível que isso aconteça novamente. Quando a dor aparecer, não fuja da igreja. Corra em direção ao Senhor e repita os passos novamente. Um dia viveremos em um lugar em que não haverá mais dor! Até lá, vamos nos comprometer a seguir adiante com amor e perdão. ■





**Palavra que Alimenta: A Pregação Expositiva no Adventismo**

Davi Boechat, Ed. do Autor, 2023, 139 p.

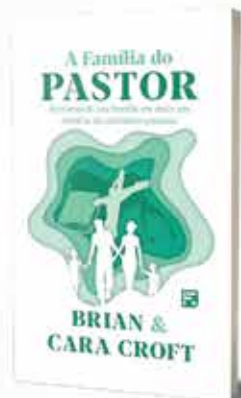
A pregação expositiva está em alta, mas ainda é pouco explorada no adventismo. A falta de adesão não significa que o tema seja novidade. Por meio de periódicos confessionais, autores adventistas reconhecem a relevância dessa modalidade há quase 100 anos. Embora a denominação tenha uma tradição de pregações temáticas, teólogos célebres como George R. Knight, Jon Paulien e Jud Lake defendem que o texto bíblico seja tanto o conteúdo quanto a estrutura do sermão. Seguindo os pressupostos de interpretação bíblica adotados pela igreja, *Palavra que Alimenta* propõe que a exposição bíblica pode dar nova vida ao púlpito de sua igreja.



**História Global do Cristianismo**

Pablo A. Deiros, Vida Acadêmica, 2020, 1200 p.

Nenhum evento é uma ilha no oceano da história. Tudo está interconectado e é influenciado por acontecimentos prévios. Isso é particularmente verdadeiro no mundo atual, que é profundamente marcado pela globalização. No cristianismo, novas tendências na América do Sul podem ser influenciadas por acontecimentos em outra parte do globo. Por isso é tão importante conhecermos a história cristã de forma global. Escrita por um autor sul-americano, esta obra percorre a história do cristianismo sob o olhar crítico e minucioso. Relatar a história do cristianismo, em certo sentido, é relatar a história do mundo.



**A Família do Pastor: Pastoreando sua família em meio aos desafios do ministério pastoral**

Brian e Cara Croft, Editora Fiel, 2021, 123 p.

Dizem que a casa da família pastoral é feita de vidro – todo mundo vê e comenta sobre o que ali acontece. Desde o vestido da esposa do pastor (que poucos conhecem o nome) até as notas dos filhos na escola, tudo parece ser alvo de comentários. A pressão que é imposta sobre essa família produz, em muitos casos, problemas de toda natureza. Sem falar dos desafios de sempre estar mudando de localidade, arrumando novos amigos e se ajustando ao novo ambiente de trabalho. Antes de cuidar de suas igrejas, o pastor deve ministrar ao seu lar.



**Consejos para Hablar Bien en Público**

Rigoberto Gálvez, Editorial Clie, 2023, 128 p.

Trata-se de um manual prático que oferece uma imersão nos segredos da oratória impactante e transformadora. Gálvez compartilha valiosos conselhos para superar o nervosismo ao falar em público, além de fundamentos essenciais sobre como estruturar discursos, princípios de comunicação persuasiva e técnicas para conquistar a atenção e o envolvimento das pessoas. O livro explora a arte de transformar discursos monótonos em apresentações cativantes, revelando os motivos pelos quais alguns discursos são esquecidos enquanto outros perduram na mente dos ouvintes.



**Eric Richter**  
 editor associado da  
 revista *Ministério*,  
 edição em espanhol

# NEM À DIREITA, NEM À ESQUERDA



O filósofo alemão Georg W. Friedrich Hegel (1770-1831) postulou que a história pode ser interpretada como um conflito dialético permanente no qual cada “tese” se encontra inevitavelmente com seu oposto, chamado “antítese”. Esse confronto resulta em um ponto mais equilibrado, abrangente e conciliador, chamado “síntese”. Embora não seja possível considerar essa proposta de Hegel como uma interpretação correta de toda a história e da realidade, temos que admitir que existem alguns fenômenos históricos, sociais e até religiosos que surgem como uma reação oposta de fenômenos prévios. O surgimento do cristianismo progressista ou liberal pode muito bem se inserir nessa categoria.

Em linhas gerais, o cristianismo progressista é apresentado como uma reação contrária a certos aspectos do cristianismo tradicional. Ele busca acabar com tradições interpretadas como fundamentalistas, obsoletas, legalistas e contrárias à essência do cristianismo original. Também coloca grande ênfase na religião prática, na justiça social e no amor ao próximo. Deve-se mencionar que o adventismo não se viu isento da influência desse tipo de cristianismo.

Há algo negativo no adventismo ou cristianismo progressista? Afinal, a Bíblia

não nos chama a amar a Deus e ao próximo (Mc 12:30, 31), e também a cuidar daqueles que se encontram em uma situação social ou economicamente vulnerável (Tg 1:27)? Inclusive, se falamos em questionar as tradições estabelecidas, o adventismo poderia se autodenominar como um “movimento religioso progressista”, pois nossos pioneiros questionaram várias doutrinas cristãs tradicionais, como a imortalidade da alma e a observância do domingo. Qual é, então, o perigo do progressismo?

No afã de se afastarem de um cristianismo percebido como obsoleto e atraídos por tradições apartadas do espírito cristão original, os progressistas foram a um extremo oposto tão ou mais perigoso. Enfatizando o amor ao próximo, costumam medir o amor de acordo com valores humanistas e seculares, em vez daqueles expressos na Palavra de Deus. Isso os leva a tolerar, apoiar e até promover condutas reprovadas pelas Escrituras. Além disso, ao criticarem alguns costumes do cristianismo tradicional, aproximam-se mais das práticas e princípios socialmente e culturalmente aceitos do que da Fonte da Verdade. Aí reside o grande perigo: ao procurar se afastar de um cristianismo carregado por tradições humanas, termina-se em um cristianismo regido por valores seculares e humanistas.

A solução para evitar qualquer extremo está no apego à Palavra de Deus. Quando o Senhor entregou Suas leis ao povo de Israel, acrescentou este mandamento: “Tenham o cuidado de fazer como o Senhor, seu Deus, lhes ordenou. Não se desviem, nem para a direita nem para a esquerda” (Dt 5:32). Precisamos ser fiéis às Escrituras, estudá-las e pô-las em prática, sem nos afastarmos para a direita ou para a esquerda. A Bíblia deve ser a base de nossas doutrinas, fé e práticas cristãs, o padrão daquilo que é certo e errado com relação à nossa cultura, valores sociais e tradições religiosas.

Se colocarmos a Palavra de Deus como a base de nossas crenças, e se o nosso progresso for com base no estudo sincero de Seus ensinamentos, então estaremos livres de extremos prejudiciais. Eu oro para que, ao estudarmos a Bíblia, obedeçamos à ordem divina: “Quando vocês se desviarem para a direita ou para a esquerda, ouvirão atrás de vocês uma palavra, dizendo: ‘Este é o caminho; andem nele!’” (Is 30:21). ■

“  
**A solução para  
 evitar qualquer  
 extremo está no  
 apego à Palavra  
 de Deus.**  
 ”







 /cpbeditora  
 CPB.COM.BR



Baixe o  
aplicativo CPB



WHATSAPP   
**15 98100-5073**



**EM QUALQUER LAR,**  
**sua editora perto de você!**

MKT CPB | Foto: Alexandre Rocha

LIGUE GRÁTIS  
**0800-9790606**  
 de telefone fixo ou celular



Encontre a  
**CPB LIVRARIA**  
 mais próxima.

